



TEMPORADA 1

REAIS
&
TRANS
TORNADOS

VINICIUS K. P.

PRIMEIRA PARTE

Reais & Transtornados: Em meados de 2030, em meio a uma quarentena global que atingiu a sociedade e onde a mesma está submersa em motins, guerras cobertas por uma pseudo-paz; uma mulher diagnosticada com TAB (Transtorno Afetivo Bipolar), cujo chama-se Suélen C. Krauvinsky, luta para distinguir os seres humanos reais dos falsos programados pela Nova Ordem Global vigente. Neste ínterim, Suélen conhece David Rubens em meio à um motim no centro de São Paulo capital, a mesma entra em debates consigo mesma e inumeradas paranoias em relação ao David. Passa-se um tempo e o mero conhecer começa a virar apego e, ambos começam a apaixonar-se; entretanto aquela questão não para de ladear tua mente: David seria real ou programação feita para me enganar e tornar-me parte da CPU Maligna?

A Fuga

Estrondos! Por toda parte, tudo está transfigurado num completo caos! A ambientalização mais caótica possível, ou perto disto. Como na Primeira ou Segunda Guerra Mundial, alguns de nós tem que se refugir de um novo nazismo, mas dessa vez, os perseguidos tem novos pré-requisitos... e um deles é, de um modo mais coloquial, a loucura?!

Pois é, os loucos, os transtornados, são perseguidos... mas, a questão que fica é, por quem? Pelo governo? Também. Pelo exército? Sim. Pelos poderosos? Iguamente. Mas principalmente, a pergunta que deve ser feita é: pelos programados? Exato! Pelos falsos? Exatamente. Mas você deve estar se indagando, programados por quem? Como assim falsos? Deve estar a beira de uma crise existencial, se perguntando se você e seus parentes, amigos e conhecidos são reais ou não. Deve estar se tateando todo, pensando: mas eu sinto, tenho os sentidos a flor da pele, como poderia eu ser falso?

Desculpa o desprazer, mas seus sentidos elétrico-magnéticos podem facilmente ser manipulados e programados. Então deve estar se perguntando, o que me faz real se não os meus sentidos? Como posso discernir os reais dos falsos? E principalmente, todos os poderosos são falsos e programados? Se quer a resposta para todas as respostas, tenha ouvidos para o que vou lhe contar.

Ela se chamava Suélen C. Krauvinsky, sua cidade natal era Ibaiti, mas morastes por meros dois anos na sua cidade natalina, pois seus pais tiveram que fugir da cidade que estava sendo tomada por caos e confusão oriundas do Novo Regimento estabelecido pelos novos líderes mundiais; mas claro, tudo isso era encobertado pelos mesmos e o que se passava na mídia, hã... apenas o mundo das sete maravilhas! Tudo era perfeito midiaticamente e ninguém, exceto aqueles que viviam no furdunço, podiam se quer imaginar a situação caótica em que se encontrava a grande massa. O início da Grande Paz Mundial começara a ser estabelecido no ano de 2034, no dia 07/07; Suélen nasceu bem no ano em que se começou a estabelecer os planos da New Global

Order, ou seja, a Nova Ordem Global. Ordem esta que, pretendia aplicar 17 objetivos na população global, fora um outro objetivo secreto e sigiloso que apenas os poderosos sabiam... parece maquiavélico né? E de fato o é. Também tinham outras mais de cem metas e micro-metas para serem aplicadas até o ano de 2064. Mas agora vamos falar sobre os antecedentes de Suélen, seus progenitores.

A respectiva matriz feminina que gerara a Suélen por 9 meses, se entendia por Maria das Dores Krauvinsky. Nascida em Patrimônio do Vaz em 09/09/1958, um local pouco populado e formado por sítios; até onde ela sabia e conhecia, vinha de família humilde, oriunda das roças do Paraná. Maria tinha 12 irmãos, sendo ela a décima terceira filha de Adrellina B. Ribeiro e Sebastião B. Ribeiro. Sendo a mais nova e caçula, paradoxalmente, teve mais responsabilidades, foi a mais madura de todos os irmãos e irmãs. Tinha um total de 9 irmãs, uma família bem afeminada digamos, sendo os outros 3 meninos. O segundo filho, infelizmente falecera cedo, num acidente de crianças e brincadeiras. Vou voltar para o ano de 1944, dia 02/02.

O Acidente

Liberdade, todas as crianças eram livres, independentemente dos perigos, eram livres; diferentemente dos tempos líquidos e sórdidos donde conto esta história. Onde a Terra foi substituída por metaversos artificiais; onde a terra suja e limpa ao mesmo tempo, fora substituída por quartos imundos e fedorentos; onde a simplicidade inocente, fora trocada por uma maldade maliciosa.

Num dia manhoso, uma manhã ensolarada, clichê, mas era assim que estava o dia; mal se viam nuvens, as peles das crianças e trabalhadores da roça eram atingidas por cerca de 29 à 30 graus celcius. Três moleques, sendo o mais velhote deles, João B. Cândido, que na época tinha já seus 6 anos de idade; cuidara e brincara com seu irmãozinho Daniel B. Dimarães, de 2 anos e meio de idade. Mas, não vá pensando que Cândido era o mais velho da roda, pois ainda havia seu companheiro, o Antônio C. Francisco, de 7 anos de idade.

Tudo rolava solto, os problemas não existiam, se um dia chegaram a existir... problemas como a pobreza, a vontade de ter brinquedos caros, duradouros e de qualidade; a fome, os ecos cintilantes e doloridos da barriga grunindo de dor por estar vazia; a desobediência, aqueles momentos inoportunos que tornavam-se propícios para... chineladas? Há, quem dera! O dilema era vara de marmelo! Pensa num trem dolorido?! A marca da "besta" ficava estampada por dias, as vezes semanas, para todos verem e presenciarem como eram as consequências daquela idade das trevas para as pobres coitadas crianças. Claro, os adolescentes não se salvavam, até porque eles nem existiam, para aqueles pais raivosos, estressados do Sol nada piedoso e doloridos da inchada pesada e pérfida que tinham que redundantemente bater contra o chão, existia apenas velhos, adultos e crianças.

Vamos conversar um pouco sobre... influências? Por quê? Bem, pois é preciso. Nós somos facilmente influenciáveis pelos demais e, quem nunca foi influenciado por uma pessoa externa, que atire a primeira pedra. Pra dizer a verdade, aprendemos,

em grande maioria das vezes, por intermédio das atitudes de outras pessoas. Nossa primeira palavra se deve ao nosso sentido da audição, que capta e, levando a uma assimilação memorável e complexa, grava no nosso HD interno os respectivos significados daquela palavra. Fora que, ainda por cima, gravamos as palavras que por vezes mais escutamos. A não ser que tu tenhas uma memória de elefante, um dom divino e iluminado, de gravar facilmente as coisas, bom, raramente gravará palavras que escutara pela primeira vez. Juntamente, pois afinal, a vida é uma dança astral de junções; vem a repetição, como citei nas entrelinhas. De tanto ouvirmos e assimilarmos tal palavra, acaba que ela se torna um hábito e o hábito por sua vez, ação; a ação, se torna caráter e o caráter, destino; frase esta que alguns atribuem, provavelmente, erroneamente, ao renomado filósofo Aristóteles; mas que na realidade, se trata de uma citação de um pensador, cujo chama-se James C. Hunter. Após, ter aparentado que fugi do assunto, mas digo: não fugi, toda esta explicação "palestral" foi necessária para o que está porvir.

Nesse mesmo assunto sobre as influências que nos

ladeiam, vemos que normalmente, o advérbio "mais", que diferentemente do "mas" sem o "i", expressa um sentido de quantidade (aula básica de português, necessária também); está demasiadamente presente no universo das influências das crianças, adultos e adolescentes. Vemos o "mais famoso", influenciadores modernos, mas que sempre existiram em formato de reais, bravos guerreiros, soldados e claro, existente ainda nos tempos de hoje e enquanto a raça humana ainda existir e não for corrompida, os artistas. Temos também "o mais rico", pessoas com alto poder aquisitivo que influenciam por intermédio de seu patrimônio em dinheiro; eles são por vezes, até mesmo os próprios artistas, são também, banqueiros, políticos e no termo mais recente, coachs. E claro, o mais simplista e simultâneamente mais influenciável, os "mais velhos"; são os primeiros, os supostamente, mais experientes e mais sábios, por conta disto, carregam o peso de terem que ser os mais responsáveis entre os outros. É agora que entra a jogada, lamentável jogada... mas entra.

Um menino meio, pra não dizer por completo,

atentado e um pouco metido, que aliás, vivia se gabando por seu pai ter comprado todos os sítios que circundavam os arredores do sítio dos Batista.

Francisco, macaco por natureza, que com certeza nascera saltando do útero de sua mãezinha, optou pela clássica e válida brincadeira de escalar árvores; até porque, além do mais, o pé que decidira escalar era uma goiabeira, então todos que ali subissem, sairiam ganhando, assim pensou Francisco. O que ele não pensara e relevara, era na idade do menino mais novo que ali estara, o caçulinha, Daniel.

Ele começou a subir, sem avisar, após uma corrida de pega-à-pega, esperando que os outros dois subissem também e se deliciassem na goiabeira. Lá foi ele, como era o maior e mais ágil de todos, saiu em disparada na frente e já subiu um, dois e... quando ia subir o terceira e penúltimo... ele decide olhar para trás e ver onde se encontravam os outros, quão rápido ele havia corrido e escalado afinal? Será que os outros o alcançariam a tempo, antes dele subir o terceiro galho? Ah, mas mal sabia ele que esta pergunta era a errada a se fazer naquele momento inesperado! Ele olha para trás, subindo

a árvore e... hesita! Mas porquê ele hesitara? O que seus olhos presenciaram naquele momento? Qual era o motivo para seus olhos começarem a lagrimejar desesperadamente? Simples, e triste. O que ele viu não era uma onça pintada correndo atrás de seus amigos; muito menos um jacaré ou até mesmo uma aranha gigante; não vim um anjo de Luz caindo do céu; muito menos a volta de Jesus com seus anjos montados em cavalos alados. O que ele viu foi muito mais aterrorizante e real do que essas possibilidades, ele viu, simplesmente, uma inocência resplandecente, uma pureza escaldante e cintilosa prestes de ter um desfecho precoce neste playground que és a majestosa Vida. Daniel, aquela doce e meiga criancinha, estava prestes a ser influenciado por uma referência que ele tinha por perto, seu amigão, Francisco. Assim o fez, dito e feito... aqueça doçura, 5 segundos depois daquele avistamento, que não foi de um OVNI, mas sim um satélite natural da Terra, se despedira de seus dois amiguinhos e... deixastes este planeta, tornando-se uma estrelinha no céu espaçoso. Ao menos lá, esta estrelinha chamada Daniel, terá um quintal infinito para escalar, sem medo de cair.

O Nascimento

Vemos que a vida é uma divina tragédia, nada cômica; por tal motivo, cabe a nós, seres pensantes, indagarmos uns aos outros até onde é válido nós irmos com a tal da comicidade, não é mesmo? A Vida é uma dança magistral entre duas Forças poderosíssimas que rodeiam o nosso Universo Tangível. É preciso aprender a andar com suas próprias pernas edênicas sobre a Bicicleta Astralina da majestosa experiência Única. Daí emergi a questão dos Verdadeiros, surge então os N questionamentos sobre a veracidade da Verdade; quão verdade pode ser a Verdade? Digo, a Sublime Verdade no caso. Até onde vai o linear disto tudo? Como fazemos para discernir os aspectos reais dos irreais? Como é possível saber da irrealidade e da Suma Realidade ao mesmo tempo? E outra, é necessário sabermos de ambas simultaneamente? Os reais são aptos aos erros? Existe distinção entre os erros comuns e os incomuns? Há o Errar Exaltado, por assim dizer? Ou tudo se passa de uma vil experiência cinematográfica e os Verdadeiros são encarregados de saber de todo este jogo

de filmagens? Com o passar do Tempo-espaço, começa a perceber-se que, na realidade, o real e Verdadeiro se trata do Observador. Somos reais quando observamos atentamente a Realidade Tangível. Tudo se move quando verdadeiramente observamos tudo, observamos o Todo. É preciso treinar este músculo hermenêutico dentro da nossa essência, o Divino Observador; assim começaremos a ter uma percepção mais ampla para os olhos da Verdade.

Eram cerca de cinco horas e meia da tarde, tudo estava começando a anoitecer, a noite vinha chegando e lá estava ela, pré-matura, prestes a nascer e se revelar ao mundo aos 7 meses; já nomeada, Maria das Dores Krauvinsky, ela veio antes pois tinha um mundo inteiro para cuidar, tinha uma família para amamentar com os seios da maturidade precoce. Ela já sabia que tudo dependia dela, tudo só começaria a se mover para frente depois do seu nascimento... bem, ao menos no universo ao seus arredores.

Adrellina não estava preparada ainda, mesmo que já fosse tantos partos, ainda sim não era algo propício

a se acostumar. Poucos metros de longevidade, cerca de duzentos metros de distância, morava Ana Cândida Muniz e Aparecida B. Ribeiro. Respectivamente, vó e tia de Maria. Do lado de fora da casa de Adrellina e Sebastião, estava lá a vó e a tia de Maria discutindo sobre o Sebastião estar parado na porta falando sobre a Adrellina estar com dor desde ontem, sem fazer nada:

- "Mais, ó seu Sebastião, o senhor não tá vendo que a bendita tá com dor não?" ~disse a vó de Maria, Ana

- "Óia sua tita, nem me diga, tô em desespero..."

- "Então vá e faça 'argo' rapaz..." Disse Aparecida, tia de Maria.

- "Vou atrás da parteira 'intão'... cuidem dela pra mim"

Sebastião já tinha se aprontado, ao receber a notícia, minutos antes pegou a pelego e já jogou sobre o cavalo, subiu e saiu em disparada buscar a parteira. O que ele não esperava era o que estava por vir...

O mais temido ocorre! Enquanto ambas as mulheres se encontravam para fora da casa e Sebastião já havia ido atrás da parteira, Maria decide que aquele momento, às seis e seis da tarde era o melhor

momento para um bom nascimento. E então começou, a dor tradicional do parto já sentida inúmeras vezes, os gemidos doloridos e a tensão temerosa. Os céus soavam e tocavam uma obra descomunal de Bach com Mozart, de puro suspense, o mais puro suspense. Nasce praticamente só, puramente sozinha e dando o grito de independência, pois desde seu nascimento já eras independente.

A criança está chorando sobre aquela lençol pálido e pálido, a mãe deu a Luz sozinha, se esforçou só e é assim, sempre foi assim não é mesmo? Parece que desde sempre teve que se esforçar sem contar com mãos alheias para auxiliá-la na jornada não é? Mas, aquela trilha de tensão continuava... quem me ajudaria com minha filhinha que acabara de ser concebida ao mundo? Tem que limpá-la, trocá-la e cortar o cordão umbilical... quem vai fazer isto para mim? Será que será só eu e minha bebê para todo o sempre? Ou ainda há esperança de alguém vir ajudar-me será? Não sei dizer, só sei que ela pensou tudo isso em poucos minutos, enquanto ninguém vinha ela se matava nos pensamentos de dor e desesperos.

A Consequência

Podemos ver agora que o ato de postergar as coisas, faz com que nasça no útero das escolhas, más consequências para a vida como um todo. Vale ressaltar que Adrellina quando deu a Luz a Maria tinha trinta e dois anos na época; e Sebastião tinha quarenta e nove. Cerca de quatro anos depois, Sebastião iria acabar falecendo de infarto, pouco tempo após uma operação da úlcera.

Se falando em consequências, temos uma primordial para a vida de Maria, que teria nascido com Mal de Simioto, conhecida hoje como desidratação. A parteira chamada dona Arminda, chegastes e já concluía todo este quadro. Entre a faca e a manteiga vivera a dona Maria, lutando entre um universo de consequências causais. E como foi a cena da tia, avó, seu Sebastião e a parteira Arminda quando vira que a menina já tinha sido concebida ao mundo? Bem, foi mais ou menos assim:

- "Meu Deus do céu! Mais não é possível que ela já

esteja entre vós?!" ~disse a tia Aparecida.

- "Venha me ajude... pegue um pano para arrumar isso tudo!" ~respondeu a vó Ana.

E elas foram entre arrumações e conversações colocando tudo no eixo, até que chegou seu Sebastião:

Ele simplesmente largou os aparatos de parto da parteira Arminda que vinha segurando, caiu de joelhos ali mesmo naquele chão e caiu também em lágrimas molhadas pela sua consciência, que ficastes sem reações perante este milagre que acontecera.

A noite seguiu turbulenta, aquele neném que nasceu era diferente de todos os outros doze, não dava para discernir as diferenças tão especificamente, mas dava para notar estes nuances alternativos desta nova vida que fora concebida até aquele momento; à quatro horas e meia desde então, já eram cerca de onze horas da noite, a criança já estava dormindo e o clima entre os pais estava estranho, transfigurado num completo silêncio e mesmo que Sebastião fosse um homem quieto e de poucas palavras, aquele silêncio entre ambos estava perturbador. Até que, repentinamente, começa uma chuva fortíssima de

raios e trovões, se alastrando por toda parte. De trilha sonora, simplesmente, o violinista do Diabo...

Paganini! E para fechar com chave de ouro, a menina começa a cair em prantos desesperadores naquela noite... a mãe Adrellina então ficastes sem saber o que fazer, mesmo já tendo todo aquele arcabouço de mãe, ainda sim era difícil saber a decisão a tomar.

Você deve estar se indagando; mas e os outros doze irmãos, onde estavam? Bem, lidando com as consequências de suas escolhas também. Os mais velhos, incluindo o João, estavam trabalhando na roça e estavam, como já estava anoitecendo, voltando para casa, os três mais velhos junto aos outros três irmãos do meio, sendo duas delas, Marissa e Marlene. Já os outros três últimos menores, estavam brincando perto de casa, na volta da escola, que sempre era longa e cansativa. Três horas antes do nascimento de Maria, já dava para ver que o dia estava começando a ficar agitado e turbulento, mas, os irmãos optaram por ignorar os avisos dados pelo planeta e seguiram fazendo o que já haviam começado. Porém, vamos para outra data, 02/05/1940, quando a casa caiu em cima de fiica.

A Casa Caiu

Fiica? Quem é essa? E como assim a casa caiu em cima dela? Bem, vou explicar e retornar para esta data que citei.

Adrellina, com seus 7 anos na época, estava num dia comum como qualquer outro em sua casa. Seu pai, que cuidava dela, estava trabalhando na roça. Lá estava ela, brincando com sua boneca feita por ela mesma com um caroço de manga. Penteando a boneca dela e cantarolando uma canção, ela, Adrellina, não esperava o que viria dali alguns minutos. O perigo lhe aguardava, estava na espreita só esperando uma brecha para atacar. E seus irmãos, onde estavam? Vamos voltar para este dia na perspectiva deles. Adrellina era a mais nova dentre todos, tinha dois irmãos e duas irmãs; Antônio era o mais velho deles, tendo treze para quatorze anos na época. Trabalhava vendendo e negociando os frutos da roça de seu avô, saía oito horas da manhã para voltar só no fim da tarde, lá pelas seis horas. Eles

não estudavam e além do mais, tinham que começar a trabalhar bem cedinho, com cerca de dez anos para frente. Enquanto Antônio, chamado pelos parentes de simplesmente Tônio, trabalhava no sol quente, pelando, para conseguir vender suas frutas; do outro lado tinha o Zé, ou José, dois anos mais novo que seu irmão, que trabalhava puxando carroça, também debaixo do sol fervendo.

O despertador deles era a manhã que emergia e o galo que cantava, seis horas e meia e eles já acordavam. Antônio levanta, com as costas ardendo por conta do dia passado e ensolarado, porém sem poder estar desanimado, pois mais um dia havia se iniciado. Ele se dirige para o banheiro, lava o rosto, escova os dentes e já vai direto para cozinha tomar seu café da manhã. Todos estão acordados, exceto a irmã Ilda que está na cama ainda. Os irmãos então se reúnem, Antônio o mais velho, é o mandante do plano deles e diz para José:

- "Ó, escuta Zé... ocê vai ficar responsável por entrar no quarto da Ilda e abrir a janela..."

- "Certo!"

- "Nesse momento a Ilda vai se irritar e vai querer

fechar a janela, daí entra a Adrellina no quarto e grita: cuidado! E eu joga um copo cheio de água na cara dela quando ela virar."

- "Não, não... eu quero jogar, eu quero jogar!" ~disse a caçula Adrellina

- "Ah... certo, então eu grito ela na porta e você joga a água. Mais num pode errar viu!"

- "Eu não vou errar!"

Assim começaram a fazer. O José se preparou para ir abrir a janela enquanto o Antônio enchia um copo de barro feito a mão pelas tias deles e deu o copo pra Adrellina:

- "Cuida pra não derrubar hein!"

E começou! José abriu a janela e... como esperado, segundos depois, a Ilda coloca o travesseiro no rosto e larga ele pra ir fechar a janela. No instante em que ela vai se aproximar da janela, aparece o Antônio e grita: cuidado! Ela olha para trás, pensa e vira para a janela de novo e...

- "Ah não fiica!" ~disse o Tônio

- "Deu tudo errado." ~disse o Zé

- "Toma viu, foram me sacanear e não conseguiram... isso é pra vocês aprenderem a nunca mais tentarem

me sacanear!"

Depois desta travessura, todos foram tomar seu café da manhã em comunhão. Dando o horário, cada um foi para suas respectivas atividades; Antônio, José e o vô de Maria, o pai deles, foram trabalhar; e a Ilda foi brincar com as amigas da vizinhança. Certo, mas você deve estar se indagando, e a mãe deles? Bem, infelizmente, faleceu cedo aos quarenta e cinco anos. Do que ela falecera? É um mistério, mas dizem que ela vivia reclamando de uma dor no estômago, na parte da barriga. Até que chegou um dia em que ela simplesmente se foi. Todos os filhos dela já haviam nascido, a Drella mesmo, tinha quatro anos.

Antônio já estava ingressado em seu trabalho, caminhando até chegar o primeiro cliente interessado no que vendia:

- "Opa, bão!"

- "Opa, tudo tranquilo meu senhor! Está interessado em algo meu bom?"

- "Com toda certeza, quero saber mais sobre essas belas mangas aqui!"

- "Ah sim, essas são da maior qualidade, posso te garantir isso!"

- "Certo, vou querer levar elas e essas bananas aqui também."

- "Certinho então, vai sair por..."

Nesse exato momento, dois homens montados em cavalos se aproximam rapidamente, descem dos cavalos, apontam armas na direção de Antônio e do cliente e dizem:

- "Pode ir parando aí, quero tudo isso que cês tem agora!" ~diz o mandante do assalto

- "Não, por favor, não me faça nada, eu tenho família pra cuidar!" ~diz o cliente assustado

- "Pode levar tudo, só nos deixa ir embora!" ~disse o Antônio

- "A gente não vai fazer nada prô cês, a gente só quer as coisas que cês tem."

E então os ladrões roubaram o Antônio e o deixaram largado na estrada de terra junto ao cliente apavorado.

Enquanto tudo isto ocorria, lá estava José, quilômetros de distância carregando aquela carroça pesada até o sítio vizinho, cujo tinham uma parceria entre eles. Chegando mais perto do sítio, Zé avista uma mulher caída a beira de um riacho; nesse

momento, ele larga a carroça e corre em direção a ela o mais rápido possível. Ao se aproximar...

- "Oi... tudo bem? Quem é você?"

- "Meu Deus moça, mais que susto... jurei que você estava passando mal ou algo assim!"

- "(risos) Não, não... só estou aproveitando esse belo dia... e você, o que faz aqui?"

- "Eu tô a trabalho do seu Lorenzo... tava trazendo aquela carroça lá embaixo."

- "Ah... você é um dos empregados do meu pai... já deveria saber."

- "Sim, sou moça... mas isso não é motivo para me desvalorizar, eu pelo menos estou trabalhando, diferente de você que tá aí só folgando."

- "Calma! Em momento algum o desvalorizei, apenas disse a verdade ué... senta aí um pouco para conversarmos melhor e ocê me fazer companhia>"

- "Eu já disse que tô a trabalho, não posso perder meu tempo com gente que só quer me estorvar... quem está ocupado aqui é eu e não você!"

- "Moço, desculpa se te estorvei, num foi minha intenção sabe... mas se quiser ainda tá de pé minha proposta."

- "[Incomodado] Eu hein, me deixa em paz muié... só quero fazer meus trocados aqui em paz."

- "[Manipulando] Você quem sabe moço, mas não esqueça que sempre que quiser ocê pode vir aí pra gente conversar... quem sabe posso pedir pro meu pai aumentar um pouco seu salário."

- "[Surpreso] Oxê! Seu Lorenzo te ouve assim é?!"

- [Jogo de cintura] Ah, eu tenho meus truques pra ele deixar eu pegar um dinheiro dele as vezes sabe."

"[Irritado] Ah, cê num me engana não, mocinha. Seu pai num vai gostar nada disso, só tô te falando."

"[Sorrindo] Relaxa, moço... meu pai nem precisa ficar sabendo. Eu sei como lidar com ele, é só uma questão de jeitinho, entende?"

"Eu não gosto muito de jeitinho não, moça. Melhor as coisas serem feitas do jeito certo e ponto."

"[Rindo] Sei que você é certinho, mas um pouquinho de esperteza num faz mal a ninguém."

"Pode ser, mas eu prefiro seguir as coisas como são, sem precisar de malandragem."

"[Provocando] Ah, mas deve ter um ladinho malandro escondido aí, num é mesmo?"

"[Sem graça] Deixa disso, moça... eu só tô tentando fazer meu trabalho direito."

"Eu sei, eu sei... só tô brincando com você. Cês da roça são tão sérios!"

"[Sério] Pois é, moça... a vida aqui é dura, temos que ser responsáveis."

"E quem disse que não dá pra ser responsável e se divertir ao mesmo tempo?"

"[Intrigado] Como assim?"

"Ah, é só uma questão de equilíbrio. Você pode ser certinho no trabalho, mas depois relaxa um pouco."

"Acho que você tem razão, moça... mas não sei se consigo fazer isso tão fácil."

"[Convincente] Ah, tenho certeza que você consegue... é só abrir um pouco a mente."

"[Refletindo] Talvez você esteja certa... vou pensar nisso."

"Ótimo! Agora senta aí e me conta como é a vida lá no sítio."

"Eu acho melhor não... tenho que voltar logo pro trabalho."

"Ah, não seja assim tão apressado. Um tempinho

não vai fazer mal."

"[Relutante] Tá bom, só um pouquinho então."

"Ah, entendi... deve ser bom ter o dom da persuasão."

"[Orgulhosa] É, é bom... a gente aprende a se virar no mundo, num é mesmo?"

"Com certeza... bem, meu nome é José, mas todos aqui me chamam de Zé."

"Prazer, Zé! Me chamo Mariana."

"Mariana? Que nome bonito!"

"[Sorrindo] Obrigada, Zé. Quantos anos você tem?"

"[Sem graça] Ah, eu tenho... tenho 22 anos."

"Sério? Somos da mesma idade então! Que coincidência!"

"[Mentindo] É, é verdade... mesma idade!"

"Que bom, assim podemos conversar melhor. Então, o que você gosta de fazer nos seus momentos de folga?"

"Bom... eu gosto de ajudar meu irmão Antônio nas vendas de frutas."

"Ah, então é o Tonio, conheço ele. E seus outros irmãos, como são?"

"Tenho a Ilda, ela é muito engraçada..."

uma vez fizemos uma brincadeira e deu tudo errado!"

"[Curiosa] Conta mais sobre isso!"

"Nós tentamos acordá-la jogando água em seu rosto, mas acabamos molhando o quarto todo e ela nos pegou!"

"[Rindo] Deve ter sido bem engraçado! E além de brincar com sua irmã, o que mais gosta de fazer?"

"Eu gosto muito de desenhar... coloco minhas ideias no papel."

"Que interessante! Deve ser muito criativo, né?"

"Tento ser... é uma forma de descarregar e colocar tudo o que sinto no papel."

"Compreendo, Zé. Às vezes, colocar os sentimentos no papel nos ajuda a lidar com os desafios da vida."

"É verdade... e você, Mariana, o que gosta de fazer?"

"Eu adoro apreciar a natureza, como estou fazendo agora, e também cantar."

"Cantar? Que beleza! Tem uma voz bonita, tenho certeza."

"[Tímida] Obrigada, Zé... às vezes eu canto nas festas da cidade."

"Deve ser maravilhoso te ouvir cantar. E por falar em festas, vai ter uma no sítio do meu pai em breve... quer ir comigo?"

"[Animada] Claro, Zé! Vai ser um prazer."

(Os dois continuam conversando, compartilhando seus gostos e desabafando sobre seus anseios. A conexão entre eles cresce enquanto passam a conhecer melhor um ao outro.)

"Bom, já tá ficando tarde... tenho que voltar ao trabalho."

"Ah, não precisa ir agora, fique mais um pouco."

"Infelizmente não posso, Mariana... tenho que carregar essa carroça até o topo do sítio."

"Entendo... então até a festa, Zé."

"Até a festa, Mariana. Foi muito bom conversar contigo."

(José se despede da mulher com um sorriso e volta a carregar a carroça até o topo do sítio)

José se despede de Mariana e segue terminando seu trabalho. Ao chegar até o topo do sítio, ele bate a porta e diz ao Lorenzo que terminou o trabalho.

Lorenzo o paga e sem querer, José deixa escapar que ele falou com a filha dele. Lorenzo não gosta disso,

mostra em suas atitudes um ciúmes inconsciente da filha.

José: (batendo na porta) Seu Lorenzo, terminei o trabalho!

Lorenzo: (abrindo a porta) Ah, finalmente, garoto. Demorou o dia todo!

José: Desculpe, seu Lorenzo, fiz o melhor que pude. Aqui estão as madeiras, tudo certinho.

Lorenzo: (entregando o pagamento) Aqui está o dinheiro pelo serviço. Agora pode ir embora.

José: (agradecendo) Obrigado, seu Lorenzo. Com licença. [José começa a se afastar, mas algo o deixa um pouco inquieto e sem perceber, ele acaba deixando escapar.]

José: (inconscientemente) Seu Lorenzo, encontrei uma moça muito legal hoje... a Mariana. Ela é vizinha daqui.

Lorenzo: (franzindo o cenho) Mariana, é?

José: (notando a reação de Lorenzo) Sim, conversamos bastante lá perto do riacho. Ela é uma ótima pessoa.

Lorenzo: (tentando disfarçar o ciúme) Ah, é mesmo? Que bom pra ela...

José: (percebendo o mal-estar) Algum problema, seu Lorenzo?

Lorenzo: (tensão) Não, nenhum problema. Só... fique longe dela, está bem?

José: (confuso) Longe dela? Por quê?

Lorenzo: (tentando se controlar) É que... é só uma vizinha, não quero que se envolva demais com ela, entende?

José: (preocupado) Mas por quê? Mariana é uma pessoa muito legal, não vejo mal nenhum em ser amigo dela.

Lorenzo: (ciumento, sem perceber) Eu só estou te avisando, José. Eu sei como essas coisas são...

José: (compreendendo) Seu Lorenzo, não precisa se preocupar. Eu respeito seu desejo, mas não vejo razão pra isso.

Lorenzo: (suspira) É que... ela é minha filha, sabe? Eu só quero protegê-la.

José: (com empatia) Eu entendo o senhor. Mas pode ficar tranquilo, eu só quero ser amigo dela, nada mais.

Lorenzo: (mais calmo) Tudo bem então. Mas tome cuidado, tá? As coisas nem sempre são o que

parecem.

José: (assentindo) Eu vou tomar cuidado, seu Lorenzo. E obrigado pelo trabalho.

Lorenzo: (sorriso forçado) De nada, rapaz. Agora vá embora.

[José se despede de Lorenzo e parte do sítio com um misto de sentimentos. Ele não entende totalmente a reação de Lorenzo, mas decide respeitar seu desejo. Enquanto caminha de volta para casa, ele reflete sobre a amizade com Mariana e sobre como os laços familiares podem ser complexos.]

Durante este íterim na perspectiva de José, do outro lado se encontrava Antônio, que acabara de ser assaltado por dois homens. O cliente de Antônio está espavorido, tentando entender todo aquele panorama. Antônio o acalma e o cliente comenta que nem levaram a carteira dele; Antônio diz que eles são amadores iniciantes e os dois riem sobre a situação, transfigurando o clima do tensão para algo mais aliviado. Antônio começa a se despedir e o cliente com empatia, diz que vai acompanhá-lo até sua casa. O cliente pergunta primeiramente, para qual lado ele mora; Antônio explica o caminho de casa e o cliente,

surpreso, diz que mora no sítio ao lado... Antônio novamente faz outra gracinha, dizendo que deve ser o destino que os colocou no caminho um do outro e quem sabe ter sido roubado, possa não ser tão ruim assim; ambos riem de novo e seguem conversando. O rapaz se apresenta, diz seu nome, seu trabalho e o que ele estava fazendo naquela estrada de terra (voltando do trabalho).

Cliente: (nervoso) Caramba, que susto! Ainda bem que não levaram minha carteira...

Antônio: (tentando acalmar o cliente) É verdade, amigo, eles devem ser uns amadores iniciantes. Ficaram tão nervosos que nem conseguiram levar tudo.

Cliente: (ri, aliviado) Pois é, são uns trapalhões mesmo!

Antônio: (sorrindo) Exatamente! Podíamos até fazer um filme de comédia com essa cena. Os dois riem, e o clima tenso começa a se transformar em algo mais leve.

Antônio se prepara para se despedir, mas o cliente demonstra empatia e diz que vai acompanhá-lo até sua casa.

Cliente: Sabe, meu amigo, eu me sinto mal por você ter passado por isso. Vou te acompanhar até sua casa, só pra garantir que você chega bem.

Antônio: (grato) Muito obrigado pela preocupação, é gentileza sua.

Cliente: (curioso) Mas me diz, para qual lado você mora?

Antônio: (explicando) É só seguir essa estradinha aqui, dobrar na terceira entrada à direita e depois é a segunda casa à esquerda.

Cliente: (surpreso) Nossa, que coincidência! Eu moro no sítio ao lado, acredita?

Antônio: (brincando) Deve ser o destino, então! Quem sabe ser roubado não é tão ruim assim, afinal de contas.

(risos) Os dois riem novamente e começam a conversar mais alegremente. O rapaz se apresenta.

Cliente: Ah, me desculpe, nem me apresentei! Meu nome é João, sou engenheiro e estava voltando do trabalho.

Antônio: Prazer, João! Meu nome é Antônio, mas pode me chamar de Tônio. Eu vendo frutas no sítio

aqui.

João: (sorrindo) É um prazer te conhecer, Tônio! Você parece ser uma pessoa muito simpática.

Antônio: Obrigado, João! A vida na roça nos ensina a ser simples e receptivos.

Os dois continuam conversando animadamente enquanto seguem o caminho de volta para casa, compartilhando histórias e experiências de suas vidas no sítio. A amizade inesperada começa a florescer naquele cenário de tranquilidade e simplicidade rural.

Pelo que vimos neste dia desta família, tudo estava indo para um mal caminho; primeiro o Antônio é roubado e antes que todos possam retornar à casa, a mesma despensa e cai. O avô deles, estava voltando com um saco com algumas mandiocas nele; quando, em meio ao milharal, ele tem uma visão trágica e dramática... a casa que ele construiu com suas próprias mãos, com suas gotas de suor, através de seu trabalho duro, estavam despencando. E o pior de tudo, em cima de sua doce e admirável netinha. Querendo chorar, por incrível que pareça, mesmo ele

sendo tão marrento, temendo e imaginando o pior dos cenários, perder mais uma pessoa amada depois de sua cara mulher; ele larga o saco no chão e, como nunca, corre desesperadamente em direção a casa. Ao chegar, ele começa a retirar os destroços... ficando lá por um bom tempo. Até que chega José, vendo a cena ele fica atônito e despenca em lágrimas; seu avô, nem liga, se fosses um dia qualquer, ele diria para seu neto virar macho. José sem pensar duas vezes, começa a ajudar o vó a tirar os destroços.

Depois de um tempo, eles finalmente conseguem enxergar algo do quarto de Drela. Eles então começam a escutar um choro vindo da cama dela; temendo que ela tivesse se ferido, eles retiram o que faltava com o máximo de vigor e... o que eles veem... é... simplesmente... nada de mais! Ela está intacta fisicamente, eles procuram ferimentos, o avô pergunta se ela se machucou, mas ela não consegue responder, pois, emocionalmente, ela está extremamente traumatizada. Quando eles se abraçam, chega o Antônio, que estava divagando em pensamentos, após ter conhecido aquela moça

encantadora e também refletido sobre as palavras duras que o pai dela dera a ele. Ao ver a cena, ele fica confuso, não entende o que se passa, não chora... mas fica comovido.

A cena é comovente e dramática. O avô, com os olhos marejados, retira os destroços da casa que com tanto esforço construiu, enquanto José, igualmente emocionado, se junta a ele para ajudar. O peso da situação é visível em seus rostos.

José: (com a voz embargada) Vô, vô! O que aconteceu? Cadê a Drela?

Avô: (entre soluços) Ela tá no quarto, meu filho... tá no quarto...

Eles removem os escombros com pressa, desesperados para encontrar a pequena Drela. Quando finalmente conseguem ver o quarto, avistam a menina chorando embaixo de sua cama, aparentemente sem ferimentos graves.

José: (aliviado) Vô, ela tá chorando, mas parece que não se machucou!

Avô: (abraçando Drela) Graças a Deus! Oh, minha netinha, não chora, o vô tá aqui...

Drela está emocionalmente abalada, e suas palavras estão travadas pela comoção. José se une ao avô em um abraço caloroso para confortá-la.

José: (acariciando a cabeça de Drela) Calma, Drela, estamos aqui com você. Vai ficar tudo bem.

Enquanto isso, Antônio se aproxima, ainda perplexo com a situação.

Antônio: O que aconteceu aqui? Por que a casa desabou?

José: (ainda emocionado) Não sei, Antônio. Acho que a estrutura já estava fraca, e a tempestade só piorou as coisas.

Avô: (Mal conseguindo olhar para Antônio) O importante é que a Drela tá bem... graças a Deus.

Antônio: (tocando o ombro de José) Me desculpe, José, por ter falado daquele jeito... Eu... não sabia o que se passava aqui.

José: (compreensivo) Tudo bem, Antônio. A gente nunca sabe o que o outro tá passando. O importante é que a Drela tá bem e a gente tá aqui pra ajudar.

Antônio: (comovido) É verdade. Ela é uma menina forte, tenho certeza de que vai superar isso.

O avô e José continuam abraçando Drela, acalmando-a aos poucos. A pequena ainda está abalada, mas aos poucos vai se sentindo mais segura em meio ao apoio dos familiares.

Avô: (com ternura) Vamos reconstruir tudo de novo, Drela. A nossa casa, a nossa vida. Nós, juntos, como sempre. Drela assente com a cabeça, segurando forte nas mãos do avô e de José. Aos poucos, a calma vai retornando ao ambiente, e eles sabem que, juntos, vão enfrentar e superar os desafios que a vida lhes apresenta. A união da família é a força que os move em meio às adversidades do sítio e da vida no campo.

A Reconstrução

Durante o processo de reconstrução da casa, o modo como eles se tornam mais zelosos e firmam bem os alicerces da casa dessa vez, bem precavidos. Escrever o momento em que Mariana, empolgada, se arruma feliz da vida para ir na festa no sítio do avô de José e o seu pai pergunta para onde ela vai, desconfiado; ela diz que vai sair com as amigas, mentido, ele ainda desconfiado faz umas perguntas incômodas e eles tem uma discussão. Ela chega no sítio de José e ele surpreso por ela ter aparecido pergunta o que ela está fazendo ali, sem se lembrar da festa; festa essa que na realidade ele inventou só para chamar a atenção dela. Ela tentando entender diz confusa que se trata da festa que ele falou para ela ontem, enquanto eles conversavam a beira do riacho; nesse instante ela vê que eles estão construindo algo, que as mãos e roupas de José estão sujas e se distraí, perguntando o que está acontecendo ali. José tenta amenizar a situação,

dizendo que não é nada demais, que apenas ocorreu um acidente graças a tempestade e a casa caiu. Ela fica assustada e José a acalma. Ela retorna ao assunto perguntando se a festa vai rolar mesmo. Ele diz que não sabe, pois graças ao acidente, acaba que eles teriam que se concentrar na obra. Ela insiste que aconteça a festa e ele acaba cedendo aos seus pedidos e timidamente chega no seu avô que está mexendo na obra.

Ele diz para ele que por mais que eles tenham que focar em reconstruir tudo, sem distrações, que seria importante eles não encherem muito a cabeça e desestressarem um pouco; o avô indaga o que isso significa e delicadamente o José sugere uma festa em comunhão com a vizinhança. Inicialmente, o avô nega com pura convicção, mas o Antônio acaba o convencendo, dizendo que os negócios do sítio podem alavancar assim.

[O sol está alto no céu e os três personagens, José, Antônio e o avô, estão reunidos em frente aos escombros da casa, prontos para iniciar a reconstrução.]

Avô: [com um olhar sério] Hoje é o dia, meus

rapazes. Vamos colocar mãos à obra e reconstruir nossa casa.

José: [animado] É isso aí, vô! Vamos fazer tudo direitinho dessa vez.

Antônio: [determinado] Nada de pressa, vamos ser zelosos e garantir que a casa fique firme e segura.

[Os três começam a trabalhar, carregando tijolos e materiais, planejando cada passo da reconstrução.]

José: [posicionando os tijolos] Vamos colocar os tijolos com cuidado, encaixando-os perfeitamente.

Antônio: [misturando o cimento] Temos que garantir que os alicerces fiquem bem reforçados.

Avô: [orientando] Prestem atenção nos detalhes, meninos. Cada tijolo colocado com precisão é um passo para uma casa mais sólida.

[Os três continuam trabalhando juntos, com dedicação e empenho. Eles se ajudam mutuamente e trabalham em sintonia.]

Antônio: [suando] Essa casa vai ficar muito melhor do que antes, podem apostar.

José: [ofegante] É verdade. E tudo graças a nossa determinação em fazer certo dessa vez.

Avô: [orgulhoso] Vocês estão se tornando homens responsáveis. Estou feliz de ver o esforço de vocês.

[Ao longo do dia, os personagens trabalham incansavelmente, não se importando com o cansaço, pois estão focados no objetivo de reconstruir a casa.]

José: [limpando o suor da testa] Vô, acho que estamos no caminho certo.

Antônio: [sorrindo] Com certeza. Não vamos mais deixar que nada nos abale Zé.

[A cena termina com os três personagens continuando a reconstrução da casa, trabalhando lado a lado com determinação e carinho pelo lar que estão reconstruindo.]

[No quarto de Mariana, ela está empolgada se arrumando para a festa que acontecerá no sítio do avô de José. Ela coloca um vestido simples, mas bonito, e arruma os cabelos com um laço.]

Mariana: [cantarolando baixinho] Hoje a festança vai ser bão demais, sô!

[Pouco depois, seu pai, Lorenzo, bate na porta e entra no quarto, com um olhar desconfiado.]

Lorenzo: [carrancudo] Ô cê tá aprontano, fia? Pra onde é que cê vai vestida assim?

Mariana: [tentando disfarçar] Ah, pai, é só uma festa com as minhas amiga. Vô ficá no sítio da Júlia.

Lorenzo: [desconfiado] Festa, é? E como é que cê conhece essa Júlia? Ela é do sítio do vô de José?

Mariana: [nervosa] Não, pai, ela é de outro sítio. Mas num se preocupe, ela é uma boa moça.

Lorenzo: [franzindo o cenho] Mas cê num tinha dito que a festa era lá no sítio do Zé?

Mariana: [mentindo] Ah, eu me confundi, pai. É que a Júlia também me chamou pra uma festinha lá no sítio dela.

Lorenzo: [ainda desconfiado] E cê tem certeza que é só uma festa? Não vai ter nada de errado?

Mariana: [irritada] Pai, eu já sou moça grande, posso cuidar de mim mesma. Num precisa ficar me interrogando!

Lorenzo: [firme] Eu só quero te proteger, minha filha. Esses sítios por aí têm muitos rapazes folgados.

Mariana: [retruca] Já disse que num tem problema, pai. A Júlia e as outras meninas já tão vindo me buscar.

Lorenzo: [resoluto] Nada disso, cê num vai! Vai ficar aqui em casa, onde eu posso ficar de olho em cê.

Mariana: [indignada] Que absurdo, pai! Eu num sou criança, eu mereço me divertir!

Lorenzo: [bravo] Enquanto cê viver debaixo do meu teto, cê segue as minhas regras!

Mariana: [saindo do quarto, reclamando] Isso é um absurdo, um verdadeiro absurdo!

[Lorenzo fica preocupado, mas mantém sua decisão firme. Mariana sai do quarto resmungando, frustrada por não poder ir à festa.]

[Mariana volta furiosa para o seu quarto, com os olhos marejados de raiva e decepção. Ela termina de se trocar, coloca um chapéu de palha e pega uma mochila com algumas coisas.]

Mariana: [sussurrando para si mesma] Se meu pai não me deixa ir, eu vou sozinha! Vou pro sítio do Zé e ninguém vai me impedir!

[Ela sai sorrateiramente de casa e, cuidadosamente, atravessa o quintal sem fazer barulho. Chegando ao portão, ela o abre com cuidado e sai para a estrada de terra. A noite está escura, mas Mariana está determinada.]

Mariana: [sussurrando] Não tem volta agora,
Mariana. Vai ser a

festa mais divertida da minha vida!

[Ela caminha por um bom tempo, seguindo o caminho que conhece bem até o sítio de José. A lua brilha no céu estrelado, iluminando o caminho. Ao chegar no sítio, ela vê a luz de uma fogueira ao longe e se apressa em direção a ela.]

Mariana: [suspirando aliviada] Ufa, cheguei! Agora é só me divertir e esquecer tudo!

[Ela se aproxima da fogueira e vê José, Antônio e outras pessoas da vizinhança, todos... construindo?]

[Chegando no sítio de José, Mariana é recebida com surpresa.]

José: [surpreso] Mariana? O que cê tá fazendo aqui?

Mariana: [sorrindo] Ora, não se lembra que você me convidou para a festa aqui no sítio?

José: [confuso] Festa? Que festa?

Mariana: [confusa] Ué, ontem a gente conversou à beira do riacho e você me falou sobre uma festa que ia ter aqui.

José: [lembrando] Ah, é verdade. Eu mencionei algo assim, mas... eu só estava brincando, Mariana.

Mariana: [desapontada] Ah, sério? Poxa, eu fiquei tão animada...

José: [tentando amenizar] Desculpe, não foi minha intenção te deixar animada pra depois desanimar.

Mariana: [curiosa] O que tá acontecendo? Por que tá todo mundo ocupado?

José: [suspirando] Houve um acidente, uma tempestade forte derrubou parte da casa do meu avô.

Mariana: [assustada] O quê? Isso é sério?

José: [acalmando-a] Calma, ninguém se machucou, tá tudo bem. A gente tá reconstruindo a casa agora, mas isso vai levar algum tempo.

Mariana: [preocupada] Nossa, que susto! Eu posso ajudar?

José: [sorrindo] Agradeço a oferta, mas acho melhor não.

Mariana: [animada] José, você precisa fazer essa festa acontecer! Vai ser ótimo para todos nós!

José: [hesitante] Mariana, eu entendo que você queira a festa, mas temos muita coisa para resolver aqui. Não sei se é a hora certa...

Mariana: [determinada] Ah, Zé, a gente consegue

dar um jeito! Eles já estão reconstruindo a casa, não é? Então, podemos aproveitar o momento para fazer uma festa em comunhão com a vizinhança. Vai ser inesquecível!

José: [pensativo] Acho que você tá certa. O vô tá precisando se distrair um pouco também.

Mariana: [sorrindo] É isso aí! Vamos mostrar pra todo mundo que, mesmo com os problemas, a gente pode ser feliz e se unir.

[José, ainda um pouco inseguro, se aproxima timidamente do avô que está trabalhando na obra.]

José: [tímido] Vô, eu e Mariana estivemos pensando... o senhor acha que seria uma boa ideia fazer uma festa aqui no sítio?

Avô de José: [surpreso] Festa? Mas temos muito trabalho a fazer, menino!

José: [com carinho] Eu sei, vô, mas também precisamos nos distrair um pouco. E uma festa pode ser uma forma de alavancar os negócios do sítio.

Avô de José: [desconfiado] E o que cês têm em mente?

José: [sincero] Uma festa em comunhão com a

vizinhança, mostrar que estamos de pé, apesar dos percalços. Pode ser uma oportunidade de renovarmos as amizades e conquistar novos clientes.

Avô de José: [refletindo] Hmm, vocês tão falando sério mesmo?

Mariana: [entusiasmada] Com toda a certeza! Vai ser uma festa incrível!

Avô de José: [sorrindo] Tá certo, vamos fazer essa festa!

[José e Mariana comemoram o consentimento do avô e começam a se preparar para organizar a festa. Eles correm por todo o sítio, convidando os vizinhos e arrumando tudo para a comemoração.]

José: [grato] Obrigado, vô! Essa festa vai ser inesquecível!

[O vô acena com a cabeça mostrando consideração].

Mariana: [com entusiasmo] Ô Zé, vamo lá, bora chamar o povo pro arraiá!

Zé: [tímido] Ah, Mari, cê acha que eles vão querer vir?

Mariana: Ora, sô! Num custa nada tentar! Alguém há de aceitar nosso convite!

[Zé e Mariana saem juntos em busca de convidados para a festa. No caminho, batem nas portas das casas dos vizinhos.]

Vizinho 1: [abre a porta] Eita, Mariana e Zé, o que cêis tão fazendo aqui?

Mariana: Ô, Seu Joaquim, viemos convidar pra nossa festança no sítio do vô!

Vizinho 1: Ah, que legal, mas hoje num vai dar, tenho uns afazeres pra cuidar.

Zé: [um pouco desanimado] Tudo bem, Seu Joaquim, fica pra próxima!

[Vizinho 1 se despede e fecha a porta.]

Mariana: Vamo lá, Zé, cê num fica triste não. Tem muita gente pra convidar ainda!

Zé: [tentando sorrir] Cê tá certa, Mari, vamos continuar.

[Eles seguem em frente e batem em outra casa.]

Vizinho 2: [abre a porta] Oi, Mariana, Zé! Uai, vão fazer festa?

Mariana: Isso mesmo, Seu Marcos! Queremos convidar ocê e a família toda!

Vizinho 2: Cêis tão de parabéns! Vou sim, pode contar comigo!

Zé: [animado] Êee, obrigado, Seu Marcos!
[Conforme continuam convidando as pessoas, alguns aceitam com alegria, outros têm outros compromissos. O clima de paixão começa a se instaurar entre os dois.]

Mariana: [olhando para Zé] Sabe, Zé, tá gostoso demais isso, né?

Zé: [corando] Tá sim, Mari. É bom demais tá aqui pertim de você.

Mariana: [sorrindo] Eu também tô gostando muito, Zé.

[Um silêncio carregado de sentimentos paira no ar.]

José: [com um olhar nervoso] Mari, preciso te contá uma coisa...

Mariana: [curiosa] O que foi, Zé? Tá com cara de quem viu assombração.

José: [hesitante] É que eu acabei de falar

com teu pai...

Mariana: [surpresa] O pai?! E o que é que ocê disse?

José: [um pouco atrapalhado] É que, sem querê, eu deixei escapar que a gente conversou lá na beira do riacho ontem...

Mariana: [compreensiva] Ah, tá... deve sê por isso que ele tava estranho então.

José: [preocupado] É... acho que sim. O 'cearense' dele deve ter aflorado.

Mariana: [rindo] Aí, Zé, meu pai é cabra arretado, mas no fundo, é só zelo.

José: [com carinho] Entendo, mas tô com medo de ter causado encrenca pra ti.

Mariana: [tocando o rosto dele] Bobagem, Zé. O pai é 'bruto', mas ele me ama.

José: [mais tranquilo] Se ocê diz... fiquei 'afuciado' de pensar que 'armecei' tudo.

Mariana: [determinada] Num se 'apruma', José. Eu vou 'aprumá' tudo com ele.

José: [grato] Obrigado, Mari. 'Cê é uma 'princesa'.

Mariana: [sorrindo] 'Besta' é ocê, Zé. Tô fazendo o certo.

José: [com um olhar apaixonado] E 'cois' certa é a

gente 'sentir' isso um pelo outro.

Mariana: [curiosa] Que coisa, Zé?

José: [com um sorriso tímido] A gente se gostar...
mais a cada dia. Essa amizade né?!

Mariana: [emocionada] Ah, Zé... Eu 'tambor' gosto de
ocê. Muito.

José: [com um brilho nos olhos] Então, vamo
enfrentar tudo junto, 'tamém'?

Mariana: [tocando o coração dele] Pra sempre, Zé.
[Eles se abraçam, selando o compromisso de encarar
juntos todos os desafios que a vida lhes reservar, com
amor e cumplicidade.]

Mariana: [ainda com olhar triste] 'Fartô' de falá do
pai, me 'aprumei' pra sair. Mas ele não deixô, brigou
comigo e disse que eu num ia sair dali.

José: [preocupado] Mariana, ocê 'partiu' mesmo da
casa?

Mariana: [com um suspiro] Parti, Zé... fui lá e 'infacei'
pra sair. Num 'aguentava' mais ficar presa lá.

José: [apreensivo] E 'ceis' brigaram forte?

Mariana: [com lágrimas nos olhos] Brigamos, ele

falou umas 'desproporções', e eu saí sem nem olhar pra 'tráis'.

José: [com carinho] Mari, ocê tá segura? O que 'vai ser' de ocê agora?

Mariana: [decidida] 'Ceis' me acolheram aqui no sítio, e agora, vou 'viver' do meu jeito.

José: [emocionado] Pode 'se chegar' aqui, Mari. O sítio também é seu lar.

Mariana: [sorrindo] Obrigada, Zé. 'Tô felis' de estar aqui com vocês.

José: [tocando o rosto dela] E nós 'tamu' felis de tê você aqui.

[Os dois se olham com carinho e, naquele momento, ambos sentem que a conexão entre eles está cada vez mais profunda.]

A Festa

Em meio a multidão que conversava nesta festa formidável, um debate entre José, Mariana, Antônio, um vizinho e o vô dos meninos; Antônio conta que foi assaltado, que o cliente dele viu tudo e que não roubaram o cliente e ele brinca dizendo que disse para o cliente que eles eram amadores; o vô de Antônio fica preocupado e diz que se fosse ele teria enfrentado os ladrões; todos riem e Antônio diz que eles estavam armados.

José: Ô pessoal, cês tão vendo só essa festança? Num tem coisa melhor no mundo, sô!

Mariana: (rindo) É verdade, Zé! Essa festa tá animada demais, sô.

Antônio: (se aproximando) Falô tudo, Mariana! Mas sabe o que aconteceu comigo hoje?

Vizinho: (curioso) O que foi, cumpadi Antônio?

Antônio: (sotaque caipira) Ah, eu tava lá no trabalho, né? E aí veio uns moleques querendo me assaltar!

Vô de Zé e Antônio: (preocupado) Oxente, e o que cê fez, home?

Antônio: (rindo) O cliente que tava lá viu tudo, mas eu falei pra ele que esses ladrões eram tudo uns amadores!

Vô de Zé e Antônio: (surpreso) Cê num tava com medo, não?

Antônio: (sotaque caipira) Medo, eu? Que nada! Eles podiam tá armados, mas eu tô sempre preparado pra essas coisas.

Vizinho: (ri) Ô, Antônio, cê é corajoso mesmo!

José: (brincando) É verdade! Cê é o herói das bandas de cá, sô!

Mariana: (ri) Vocês são tudo uns malucos, sô!

Vô de Zé e Antônio: (sorrindo) Sabe, se fosse eu lá, acho que ia enfrentar esses ladrões!

Antônio: (sorrindo) Num precisa se preocupar, vô! A gente conseguiu se livrar deles, tá tudo bem.

Vô de Zé e Antônio: (orgulhoso) Ah, mas mesmo assim, num gosto de saber que cê tá se metendo nesses perrengues, meu menino.

Antônio: (abraçando o vô) Tá tudo sob controle, vô! Eu sou cabra macho, igual o senhor ensinou.

Vô de Zé e Antônio: (ri) Isso mesmo, meu menino! Mas num vai querer bancar o herói toda hora, viu?

Antônio: (sorrindo) Pode deixar, vô! Só se for preciso mesmo.

Nestes ínterims de conversas e bate-papos, a Ilda chega no grupo que está conversando e diz que a Drella sumiu; ao saber desta informação, o vô deles, carrancudo como sempre, dá uma bronca nela por não ter cuidado da sua irmã mais nova. Ela chora e a amiga de Mariana, Catarina, acalma ela e se dispõem a ajudar. Eles se separam em grupos, Mariana, Catarina e Ilda vão juntas pelo mato procurar a Drella; enquanto José, Antônio e o Vô deles procuram por dentro dos cômodos. Enquanto Mariana e Catarina caminham, seguem conversando e Mariana parabeniza Catarina por ter feito o que fez para acalmar Ilda. Do outro lado do sítio, os rapazes discutem sobre como tudo está um desastre; primeiro Antônio é assaltado, depois a casa desaba e agora a Drella desaparece. Eles procuram até cansar, porém infelizmente não a acham.

Todos retornam ao mesmo local na esperança de alguém tê-la encontrado, mas nada.

Vô deles: (carrancudo) O que tá acontecendo aqui?

Onde é que tá a Drella, Ilda?

Ilda: (chorando) Eu não sei, vô, ela tava brincando comigo e de repente sumiu!

Vô deles: (brabo) Ah, menina, como é que você deixa sua irmã sumir desse jeito? Isso é falta de cuidado!

Catarina: (acalmando Ilda) Calma, Ilda, a gente vai encontrar a Drella, não se preocupa.

Mariana: (persuasiva) Isso mesmo, Ilda, vamos procurar ela juntas. Tenho certeza que vamos achá-la logo.

(Eles se separam em grupos, Mariana, Catarina e Ilda vão juntas pelo mato)

Mariana: (conversando com Catarina) Catarina, ocê fez bem em acalmar a Ilda, ela tava nervosa mesmo.

Catarina: (modesta) Ah, Mariana, foi só o que me veio na mente, quis ajudar ela a ficar mais tranquila.

Mariana: (olhando para o chão) Catarina... eu preciso te contar uma coisa...

Catarina: (preocupada) O que foi, Mariana? Aconteceu alguma coisa?

Mariana: (suspira) Eu... eu fugi de casa...

Catarina: (surpresa) Fugiu? Mas por quê, Mariana?

Mariana: (baixa a cabeça) Eu tava cansada de toda aquela pressão dos meus pais, das cobranças... então decidi dar um tempo e vir pra cá.

Catarina: (preocupada) Mai como cê fugiu? E quem mais sabe disso?

Mariana: (olha para Catarina) Fiz minha mochila e depois pulei a janela, saí correndo que nem uma doida (Ela ri). Quem sabe é só o José... e, claro, à esse ponto, meus pais. (suspira) Mas, por favor, não conta pra ninguém, tá?

Catarina: (coloca a mão no ombro de Mariana) Pode deixar, Mariana, seu segredo tá seguro comigo.

Mariana: (aliviada) Obrigada, Catarina, você é uma amiga e tanto.

Catarina: (brinca) Falando em amigos, e o Zé? Ocê tá gostando dele, né?

Mariana: (fica tímida) Ah, Catarina, deixa isso pra lá... Como tá indo a sua aula de violão?

Catarina: (ri) Ih, ocê ficou toda envergonhada agora que eu falei do Zé!

Mariana: (desvia o olhar) Eu não... é que... é

complicado, Catarina.

Catarina: (sorrindo) Complicado, é? Então é sério mesmo!

Mariana: (ri sem graça) Ai, Catarina, para com isso! Ele é legal, mas... não é nada sério, tá?

Catarina: (brincalhona) Tá, tá, não vou mais falar nada. Mas olha, se precisar de um conselho, tô aqui!
(A cena continua com as três amigas caminhando pelo mato em busca da Drella, enquanto conversam e compartilham suas preocupações e segredos.)

(Enquanto isso, José, Antônio e o vô procuram por dentro dos cômodos)

José: Ô, Antônio, cê viu a Drella por aqui?

Antônio: (frustrado) Nada, José, essa situação tá um desastre. Primeiro o assalto, depois a casa caiu, e agora a Drella some assim!

Vô: (brabo) Essa menina não tinha que ter saído sem aviso, num podemos descuidar.

José: (preocupado) Vamo continuar procurando, ela num pode ter ido longe.

(Após procurarem incansavelmente, todos retornam ao mesmo local)

Mariana: (esperançosa) E aí, alguém achou a Drella?

Vô: (desanimado) Nada ainda, parece que sumiu no ar.

Catarina: (preocupada) Coitadinha, onde será que ela foi parar?

Ilda: (chorando) Eu quero a minha irmãzinha de volta!

Antônio: (consolando Ilda) Vamo continuar procurando, num vamos desistir!

José: (determinado) É isso aí, temos que encontrá-la. Vamos vasculhar cada cantinho desse sítio.

(A cena termina com o grupo reunido, unidos pela preocupação com a Drella, mas sem ter encontrado pistas do seu paradeiro.)

Num momento inesperado, um convidado da vizinhança escuta o que parece ser uma criança chorando debaixo da mesa e ele decide olhar. Ao olhar ele se depara com uma menina que era a Drella, ele pergunta o porquê dela estar chorando e ela não responde; ele então indaga se ela quer ir com ele encontrar o vô dela, mas ela não reage também. Até que aparece todo o pessoal que saiu procurar a Drella e o rapaz avista o vô dela e diz que ela estava chorando lá. Ele, achando que poderia ter ocorrido

algo de pior, acelera os passos em direção a mesa, chega e abraça ela perguntando se está tudo bem; ela responde em soluços que achou que ninguém encontraria ela mais. O clima apazigua e no fim alguém comenta como que eles não procuraram debaixo da mesa; outro diz que com tantos lugares ela foi se esconder justo ali.

Convidado: Ô, menina, que tá acontecendo? Por que tá chorando assim?

Drella: (silêncio)

Convidado: (gentil) Quer que eu te leve pra procurar o vô e a Mariana? Eles tão te procurando, sabia?

Drella continua quieta, sem reação. O rapaz, então, decide tentar mais uma vez.

Convidado: (com jeito) Vamos lá, pequena, não precisa ter medo. Vou te levar até eles, tá bom?

Enquanto isso, todo o pessoal que saiu em busca da Drella chega ao local onde o convidado está.

Mariana: (preocupada) O que aconteceu? Achou a Drella?

Convidado: (apontando para debaixo da mesa) Ela tava aqui, chorando. Perguntei o que tava acontecendo, mas ela não falou nada.

José: (preocupado) Será que aconteceu alguma coisa?
Nesse momento, o vô da Drella, que é sempre brabo e carrancudo, acelera os passos em direção à mesa.

Vô: (preocupado) Drella, minha menina, o que foi que aconteceu?

Ele chega até ela e a abraça carinhosamente, perguntando se está tudo bem.

Drella: (entre soluços) Eu achei que ninguém ia me achar mais...

Vô: (afaga os cabelos dela) Tá tudo bem, meu bem. A gente nunca ia te deixar sozinha. Tamos todos aqui com você.

O clima apazigua e alguém comenta de forma descontraída:

Outro: Quem diria, hein? Com tantos lugares por aí, ela foi se esconder justo debaixo da mesa!

Risadas se espalham pela festa, aliviados por terem encontrado a Drella em segurança.

José: (brincando) Da próxima vez, a gente olha debaixo da mesa primeiro, tá?

A Confusão

Após terem finalmente encontrado a Drella, a festa volta ao normal... até certo ponto. Todos estão conversando, até que chega duas pessoas a festa que não parecem que foram convidadas; era os pais de Mariana! O pai de Mariana vem enraivecido, fazendo-a passar vergonha, ele agarra no braço dela e começa a puxá-la; a mãe dela grita dizendo para parar, que vai machucá-la e ele ignora. Até que, José vê isso e chega nele dizendo para soltá-la; ele a solta, olha nos olhos dele e pergunta quem ele acha que é para dizer o que ele deve fazer, ele diz que pode não ser o melhor homem do mundo, mas é trabalhador e daria tudo para proteger a Mariana e dar uma boa vida pra ela; nessa hora ela fica sem reações e de repente muda as expressões, ganhando coragem para dizer tudo o que sempre quis dizer ao seu pai. Ela diz que ele não passa de um machista e que o machismo dele não vai fazer ela, nem a mãe dela felizes, que no fundo ele é só uma pessoa

autoritária e fraca. Nesse momento, ele que estava prestes a avançar no José, para e diz que já que ela quer ter a vida dela, que a partir de hoje esqueça que eles existem. Ele vira para trás e puxa a mãe dela, mas ela, num ato libertário, sai de perto dele e diz que se a filha deles for ficar ela ficará também. Ele friamente diz que se é isso que elas querem, então não há nada que ele possa fazer; vira as costas e vai embora. A cena acaba com a Mariana dizendo que foi desnecessário o que ela fez e a mãe dela diz que admira a coragem dela.

Pai de Mariana: (irritado) Mariana, tu vai me explicar onde diabos tu tava sumida desse jeito?

Mariana: (com olhar temeroso) Pai, eu...

Antes que ela possa terminar, ele agarra bruscamente seu braço, e a mãe dela grita para que ele a solte, preocupada com a situação.

Mãe de Mariana: (gritando) Solta ela, tu vai machucar a menina!

Mas o pai de Mariana parece ignorar o apelo da mãe. A tensão cresce até que José, que estava observando a cena, decide agir.

José: (firme) Solta ela agora!

O pai de Mariana solta o braço dela, e os dois homens se encaram com olhares de desafio.

Pai de Mariana: (desafiador) E quem diacho é você pra se meter no que não te pertence?

José: (encarando-o nos olhos) Pode ser que eu não seja o melhor homem do mundo, mas eu respeito as pessoas e lutaria por elas. E eu daria tudo pra proteger a Mariana e dar uma vida digna a ela.

As palavras de José atingem fundo, e Mariana, que estava nervosa e tensa, encontra coragem para finalmente expressar o que sempre quis dizer.

Mariana: (com firmeza) Pai, o senhor não passa de um machista! O seu machismo não vai fazer nem eu, nem a mãe feliz. No fundo, o senhor é só uma pessoa autoritária e fraca.

A confissão de Mariana deixa o pai momentaneamente sem palavras. Ele parece prestes a avançar em direção a José, mas algo muda em seu olhar.

Pai de Mariana: (pausa) Se é isso que você quer, então a partir de hoje, esquece que a gente existe.

Ele vira as costas, puxando a mãe de Mariana consigo, mas a mãe, num ato de libertação,

decide tomar outro rumo.

Mãe de Mariana: (firme) Se a nossa filha fica, eu fico também. Não vou mais suportar esse ciclo de autoritarismo.

O pai de Mariana olha friamente para elas, aceitando sua decisão, e diz que se é isso que elas querem, então não há nada mais que ele possa fazer. Ele vira as costas e sai, deixando para trás um clima de libertação.

A cena termina com Mariana, ainda atordoada, murmurando que talvez tenha sido desnecessário confrontar o pai daquela forma.

Mariana: (insegura) Será que eu fui longe demais?
A mãe de Mariana se aproxima, com um sorriso de admiração nos lábios.

Mãe de Mariana: (orgulhosa) Não, minha filha. Você foi corajosa e falou o que estava entalado há anos. Estou orgulhosa de você.

O pai de Mariana vai embora e o vô deles chega a Mariana e pergunta onde elas vão ficar; ela vai dizer que ia ficar no sítio deles mesmo, com autorização dele, mas se lembra que a casa caiu e eles estão em

construção. Ele diz que vai passar, junto com os meninos e as crianças, no sítio do Alfredo Leite, que ele tem outro sítio que está desocupado e é bem espaçoso. A mãe de Mariana se oferece a passar um tempo lá com eles, que pode cuidar da casa, cozinhar e claro, a Mariana vai ajudar também, até porque ela foi prendada como a mãe.

Vô: (com voz grave) Mariana, muié, cê tem ideia de onde vão ficar agora?

Mariana: (olhando para o chão, preocupada) Seu Joaquim, a gente pensou em ficar aqui no sítio mesmo, com a sua bença, mas a casa... ela ruiu, sô! O vô Joaquim coça a barba cerrada, pensativo, e enfim ergue o olhar com uma sugestão na mente.

Vô Joaquim: (com uma ideia) Pode ficar sussa, Mariana. Eu juntei os menino e as piáda, e nós vai bater nas porta do sítio do Alfredo Leite. Lá tem um ranchão desocupado, espaçoso demais.

Mariana: (surpresa) Isso é mesmo, Seu Joaquim? O senhor acha que é boa?

Vô Joaquim: Posso dizer que sim, sô! O Alfredão é

camarada, ele vai deixar ocês ficarem por lá tamém, sem problemas.

Mãe de Mariana, preocupada, se aproxima e se junta à conversa.

Mãe de Mariana: (com gentileza) Seu Joaquim, eu posso cuidar da casa, cozinhar e ajudar como der. A Mariana também vai dar seu jeito, ela puxou a mãezinha nisso.

Seu Joaquim: (assentindo) Isso que é pensamento, moça. O trabalho é o que importa, e esse sítio pode ser o camin.

Mariana: (sorrindo) Pode contar comigo, Seu Joaquim. Nós vai se virar, não importa onde.

Enquanto eles discutem os detalhes, José e Antônio se aproximam curiosos.

Antônio: (interessado) Eita, cês tão tramando um plano, é?

José: (brincando) Será que é coisa boa ou tão aprontando alguma?

Seu Joaquim: (explicando) É coisa séria, rapazes. Nós e a gurizada vamo pro sítio do Alfredo Leite. Ele tem uma outra propriedade, espaçosa e desocupada.

Antônio: (animado) Uia, gostei dessa ideia! Vai ser

um jeito diferente de viver, sô.

José: (sorrindo) Bem, não é a primeira vez que a gente enfrenta mudança. Vamo lá, encarar essa nova aventura.

Mariana: (determinada) Cê tá certo, Zé. Família fica junta, onde for. Até porquê cês são minha nova família!

Mãe da Mariana: (Afirmativa) Nossa, nossa nova família filha.

Eles por conseguinte, começam a organizar suas trouxas e se aprontar para caminhada até o rancho de Seu Alfredo. O vô Joaquim manda José e Antônio irem pegar as coisas e diz para José chamar Mariana para ir com eles; a mãe de Mariana começa a ir também, dizendo que pode ajudar, mas o Joaquim diz para ela parar que ele queria conversar com ela. Nessa hora ela fica acuada, pensando o que ele poderia dizer; ele começa a falar coisas de certo modo, machistas, que ela não deveria ter feito aquilo com o marido dela, que não é coisa que se faça, pois tem que respeitar o marido em primeiro lugar e que ele deveria mesmo é levá-las de volta pro sítio do Seu Lorenzo, por respeito à ele. Ela fica indignada, diz

que os homens são todos iguais, machistas e arrogantes e que se for para deixar um homem como o marido dela pra viver ao lado de outro igual, que ela prefere ir puxar a Mariana pras duas irem viver na casa da amiga dela, que não importa se elas serão julgadas por serem mulheres solteiras e solitárias, o importante é que uma apoia a outra. Enquanto isso, no lado coberto do sítio, Mariana comenta quão divertido será viver a partir de agora ao lado deles, nessa nova família; Antônio todo bobo-alegre faz um comentário descontraído, mas José e Mariana ignoram, como se só os dois estivessem na sala; José diz que os dois poderão se aproximar mais agora e se conhecerem melhor e José diz que é melhor ele não atrapalhar os dois, ele pega duas trouxas e sai do lugar; ao sair a Mariana comenta que acha que ele (Antônio), se ofendeu um pouco; José diz que ele é assim mesmo, sentido e meio sensível, os dois riem e o clima fica quente. Os dois estão pegando trouxas no chão, após terem arrumado-as e quando eles levantam as trouxas, se virando um para o outro, seus olhares se encontram e José se aproxima dela para beijá-la... neste instante, surge a

mãe de Mariana e ela, sem ter percebido que os dois estavam prestes a se beijar, enraivecida, diz para Mariana pegar a mala dela que as duas iriam embora agora pra casa da Melissa (amiga da mãe de Mariana) e a cena acaba assim.

Vô Joaquim: Ô cumpadres, ocês dois vai lá pegá as coisa e Zé, chama a Mariana pra ir contigo, vão com Deus, sô.

Os rapazes obedecem, partindo com um sorriso e uma pisada mais firme, animados com a perspectiva do novo lar. Vô Joaquim vira-se então para a mãe de Mariana, seus olhos enrugados carregando uma seriedade peculiar.

Vô Joaquim: Óia, Dona Ermínia, ocê vai dexá essas moças ajudá, num. Preciso de tê umas palavrinhas com ocê.

A mulher começa a ir também, hesitante, dizendo que pode ajudar, mas o Joaquim interrompe, levantando uma das mãos como sinal de respeito.

Vô Joaquim: Pare aí, pare aí, Dona Ermínia.

Agradesso, maaas, precisa falá uns negócio.

A matriarca, sentindo o coração bater mais forte,

fica acuada, pensando no que ele poderia dizer; ele começa a falar coisas de certo modo machistas, que ela não deveria ter feito aquilo com o marido dela, que não é coisa que se faça.

Vô Joaquim: Sabe, Dona Ermínia, esses assunto de home e muié, é coisa de respeito. Nois tem que sê parceiro, sô. Ocê num devia tê feito isso com o finado Zé. Nóis tem que respeitá os home, num é?

Os olhos de Dona Ermínia se arregalam, um misto de indignação e incredulidade dançando em sua expressão.

Dona Ermínia (Indignada): Ah, mas o sinhô vai dizer isso agora? Depois de tudo?

Ela continua, seus sentimentos de revolta emergindo como fogo.

Dona Ermínia (Revoltada): E eu vou tê que tê respeito com quem, hein? Com o finado Zé, que nem aqui tá mais?

Ela fica indignada e solta:

Dona Ermínia (Furiosa): Ô, cê aí! Num me venha falá que os homi não são todos iguáis, machistas e arrogantes!

Ela respira fundo, seu olhar agora desafiador, e fala

com um fervoroso senso de dignidade.

Dona Ermínia (Defensiva): Se for pra dexá um homi igual o finado Zé pru lado de outro igual, vô levar nós duas embora pra casa da minha amiga, a Melissa. E que o mundo se rasgue!

Enquanto isso, no lado coberto do sítio, Mariana, seus olhos brilhando com expectativa, comenta quão divertido será viver a partir de agora ao lado deles, nessa nova família. Antônio, todo bobo-alegre, faz um comentário descontraído, mas José e Mariana ignoram, como se só os dois estivessem na sala.

Mariana (Empolgada): Ah, Antônio, meu amigo, isso aqui vai ser uma baita aventura, sô.

Antônio tenta se encaixar na conversa, mas a troca de olhares entre Mariana e José diz tudo. José, com um sorriso terno, comenta que agora eles poderão se aproximar mais e se conhecerem melhor. Antônio, meio sem jeito, tenta aliviar o clima.

Antônio (Tímido): Ô coisa boa, nós vai ficá todos pertim, sô!

José, com um olhar cúmplice para Mariana, brinca:

José (Brincalhão): Mermo assim, Antônio, acho que nós dois é melhor i dá umas voltas, sô.

Ele pega duas trouxas, um pouco constrangido, e sai do lugar. A Mariana, percebendo a situação, comenta que acha que ele (Antônio), se ofendeu um pouco.

Mariana (Compreensiva): Ih, acho que ocê assustô o moço, José.

José ri, colocando uma das trouxas no chão ao lado dela.

José (Risonho): Ih, Mariana, ele é assim memo, um tantin sentido e meio sensível, cumpade.

Os dois riem, uma energia quente pairando entre eles. Enquanto as trouxas repousam no chão, já cuidadosamente arrumadas, eles se erguem com uma graça quase coreografada. Mariana olha para José, seus olhos como janelas para um mundo desconhecido, e ele a contempla com uma intensidade que transcende o tempo e o espaço. Nesse encontro de olhares, uma conexão profunda se estabelece, como dois rios convergindo para formar um único curso d'água.

José, seu coração batendo um pouco mais rápido, é envolvido pela emoção que o momento carrega. Ele sente a intensidade do instante, a quentura dos corpos, fisicamente diz que dois corpos não podem

ocupar o mesmo espaço; porém, naquele lampejo de amor, os dois transcenderam as leis da física completamente, como se o universo conspirasse para unir duas almas em um abraço intangível.

Lentamente, como se fosse a dança de um poema, ele se aproxima de Mariana. Cada passo é uma promessa, cada segundo é um eco do desejo que se acumulou entre eles.

O espaço entre eles diminui, como se o tempo se contorcesse para permitir esse momento. Suas respirações se entrelaçam, o ar carregado de eletricidade e antecipação. Os lábios de José estão a centímetros dos dela, neste instante, José se transformou no novo Giacomo, como a promessa de um beijo que selaria o começo de algo novo e único.

Mas então, como um trovão em um céu límpido, a voz enraivecida de Dona Ermínia corta o ar. Ela surge como um vendaval, interrompendo o momento sublime que pairava entre José e Mariana. Seu olhar furioso não percebe o que estava prestes a acontecer, apenas vendo os dois em uma proximidade que a

de raiva.

O momento é quebrado, como um sonho que se desvanece com o primeiro raio de sol da manhã. O beijo que estava prestes a acontecer se dissipa no ar, uma promessa não cumprida, um desejo interrompido. Os olhos de José e Mariana refletem uma mistura de surpresa, frustração e um lampejo de tristeza e desilusão.

É como se o destino, com suas mãos invisíveis, tivesse brincado com eles, unindo-os e separando-os em um piscar de olhos. E enquanto Dona Ermínia desabafa sua ira, o que resta é uma tensão palpável, o eco do que poderia ter sido, flutuando no ar como um suspiro não dito.

Dona Ermínia (Furiosa): Ô, cê aí! Pega logo a mala sua e vamo embora, Mariana! Nós vamo pra casa da Melissa, já tô farta dessa lenga-lenga toda!

Distantes?

Mariana é pega de surpresa, ficando atônita com a situação; ela então indaga o porquê desta decisão tão radical de sua mãe e ela ignora, dizendo que não é momento para surpresas, que se ela quiser saber o porquê, pergunte para o vô machista do namoradinho dela, Zé. Nesta hora, José intervém, dizendo para não falar assim do vô dele; eles adentram então numa discussão e o vô dele aparece, entrando na discussão também. Enquanto isso, José finge estar passando despercebido, ele puxa delicadamente Mariana enquanto ela estava prestes à dizer algo e diz para eles tirarem as crianças, Ilda e Drella respectivamente, dali. Eles assim o fazem; vão para um lugar silencioso no sítio e enquanto as crianças brincam, sem perceber os dois pombinhos sentados debaixo de um pé de mamão, a discussão continua. José, audacioso, diz que eles tem que terminar o que começaram, colocando a mão na perna dela. Ela diz que isso está a assustando, que está sendo muito

rápido, que eles tem que ir mais de vagar; José pergunta o motivo, indaga se tem algum problema; Mariana começa a falar que o pai dela não aprova este relacionamento, que Lorenzo acha ele um aproveitador; José diz que isso já não é mais um problema, pois ela não estaria mais na casa do pai e Mariana comenta que ainda sim é meio estranho pra ela, que foi tudo muito apressado e ela quer um tempo para pensar; José fica sem entender, mas respeita a posição dela, mudando radicalmente de assunto, perguntando sobre a amiga dela Catarina. Ele faz uma pergunta meio sem noção sem querer, perguntando se ela comentou dele pra amiga e Mariana (mentindo), diz que obviamente não. O clima fica meio esquisito, quando de repente a mãe de Mariana aparece novamente, dizendo que agora é sério e elas tem que ir, pois se continuar nesse sítio imundo vai dar coisa ruim; o vô Joaquim interrompe dizendo que sítio imundo coisa nenhuma; ela ignora, Mariana de um modo fofo se despede de José e elas saem do sítio.

Mariana: (Atônita) Como assim, mãe? Por que isso?

Dona Ermínia: (Ignorando) Não é hora para

surpresas, Mariana. Se quiser saber o motivo, pergunte para o vô machista do seu namoradinho, o Zé.

Antônio: (Intervindo) Ô, Dona Ermínia, não fala assim do vô.

Vô Joaquim: (Entrando na discussão) Ó, dona Ermínia, isso num é jeito de falar.

José: (Disfarçando) Vamos, Mariana. Precisamos tirar as crianças daqui.

Mariana: (Curiosa) Onde a gente vai, Zé?

José: (Sussurrando) Vai ser melhor a gente ir pra um canto mais calmo.

(Eles se afastam para um lugar mais tranquilo no sítio, sob a sombra de um pé de mamão. Enquanto as crianças brincam ao longe, a discussão continua.)

José: (Determinado) Mariana, a gente precisa resolver isso de uma vez por todas.

Mariana: (Nervosa) Mas, Zé, tudo isso tá me assustando. Acho que a gente devia ir mais devagar.

José: (Curioso) Por que, Mariana? Tem alguma coisa te incomodando?

Mariana: (Aflita) Meu pai num gosta de nós juntos, Zé. Ele acha que ocê é só um aproveitador.

José: (Confidente) Não se preocupe com isso, Mariana. Agora você não tá mais sob o teto dele.

Mariana: (Refletindo) Mesmo assim, Zé, é tudo meio confuso. Foi tão rápido, eu só queria um tempo pra pensar.

José: (Respeitando) Tá certo, Mariana. Vamos ir no seu ritmo.

(Para desviar o clima pesado, José muda de assunto.)

José: E a Catarina, sua amiga, o que ela acha da gente?

Mariana: (Mentindo) Ah, ela nem comentou sobre você. E como assim da gente?

(O clima entre eles fica um tanto estranho, quando de repente Dona Ermínia retorna.)

Dona Ermínia: (Determinada) Agora é sério, Mariana. A gente precisa ir, isso aqui tá ficando ruim. Sair desse sítio imundo!

Vô Joaquim: (Intervindo) Ruim nada, isso aqui é um bom lugar! Meu sítio num é imundo coisa alguma!

Mariana: (Com carinho) Tchau, Zé.

(Elas saem do sítio, deixando José sob a sombra do pé de mamão, refletindo sobre o que acabou de

acontecer.)

Tudo deu continuidade, Seu Joaquim e seus netos foram totalmente quietos, exceto as crianças que tudo comentavam, porém de resto o clima estava tenso depois do furdunço que rolastes no sítio. Eles chegaram, conheceram o lugar, sem fazer nenhum comentário, apenas o José que respondeu o que Drella havia dito, dizendo para fiica que era verdade, que de fato o local era bem bonito. Todos foram dormir e nada de interessante aconteceu. Do outro lado de Patrimônio do Vaz, lá estava elas, batendo na porta de Melissa, amiga da mãe de Mariana. A Melissa fica surpresa ao vê-la por ali, perguntando o motivo aquela hora da noite; Dona Ermínia começa a se explicar, dizendo que tudo começou quando... nesse momento Melissa convida elas para se sentar e Dona Ermínia pergunta se não está estorvando, se ela estava dormindo; Melissa para aliviar a preocupação dela, diz que estava só deitada um pouco. Elas entram e começam a conversar, Dona Ermínia diz que Mariana fugiu de casa, indo para uma festa no sítio do Seu Joaquim e o Lorenzo ficou sabendo, indo imediatamente atrás dela. Ao chegar

lá ele de um modo grosseiro, grudou no braço de Mariana e começou a puxá-la, até que o neto do Seu Joaquim, o José, interveio dizendo para ele parar. Nessa hora ele soltou e foi pra cima dele, depois disso... ela pergunta se a Mariana quer falar o que aconteceu, se tem algum problema; ela diz que não e conta que a partir daquele momento criou coragem para dizer a verdade pro pai. Dona Ermínia termina dizendo que depois disso, ele veio puxar ela pra ir com ele, mas nesse momento, graças a atitude da filha, ela criou coragem para dizer que não ia com ele e decidiu ficar com a filha. Como se não bastasse, depois que o Seu Joaquim disse que elas poderiam ficar no rancho do Seu Alfredo, ele puxou ela num canto e disse coisas machistas, daí foi o estopim, ela decidiu que não ia querer ficar no mesmo lugar que ele e pegou a Mariana pra ir para casa da Melissa. Depois deste papo longo, Melissa diz que vai preparar o colchão pra elas, porque elas devem estar cansadas.

Dona Ermínia: (Explicando) Tudo começou quando...
(Ela é interrompida por Melissa, que as convida a se sentarem.)

Melissa: (Curiosa) O que tá acontecendo, Dona Ermínia? A essa hora?

Dona Ermínia: (Desabafando) Ah, Melissa, é uma história longa. Não queremos incomodar.

Melissa: (Sorrindo) Não se preocupe, entre e se acomodem. Não estava dormindo, só descansando um pouco.

(Elas entram e se acomodam, começando a conversar. Dona Ermínia explica que Mariana fugiu de casa para ir a uma festa no sítio do Seu Joaquim, o que levou o Lorenzo a ir atrás dela. Ela relata a tensa situação que se desenrolou lá.)

Dona Ermínia: (Explicando) O Lorenzo chegou lá, e de um jeito bruto, agarrou o braço da Mariana, tentando levá-la à força. Foi aí que aquele neto do Seu Joaquim, o José, apareceu e disse para ele soltar.

Melissa: (Surpresa) José? O José do sítio?

Dona Ermínia: (Concordando) Sim, ele mesmo. Depois disso, o Lorenzo partiu para cima dele, e... (Dona Ermínia pausa, olhando para Mariana.)

Mariana: (Assentindo) Foi quando eu criei coragem e contei a verdade para o pai. (Dona Ermínia retoma o relato.)

Dona Ermínia: (Continuando) E então, ele soltou Mariana. Depois, quando o Seu Joaquim nos disse que poderíamos ficar no rancho do Seu Alfredo, ele me puxou de lado e começou com um discurso machista. Foi a gota d'água pra mim. Decidi que não ficaria no mesmo lugar que ele e peguei a Mariana para irmos para sua casa.

Melissa: (Com empatia) Nossa, que situação complicada amiga.

Dona Ermínia: (Suspirando) Pois é. Acho que estamos bem cansadas depois de tudo isso.

Melissa: (Compreensiva) Eu vou preparar um colchão para vocês. Descansem um pouco.

(Dona Ermínia e Mariana trocam olhares de gratidão enquanto Melissa se prepara para providenciar o colchão.)

Enquanto isso, Antônio começa a escutar sons estranhos pela casa; batidas, sussurros, murmúrios e sons estranhos. Ele acorda José e pergunta se ele escutou algo; Zé, inebriado em sono, pois o dia foi imensamente cansativo, construção, festa e brigas, não escuta direito o que Tônio falou e diz pra ele ir

dormir. José insiste que ele levante para ver o que estava acontecendo e Antônio cede aos pedidos do irmão, mas meio brabo com isso. Eles então começam a procurar o que possa estar acontecendo, José ao achar o lugar diz que era ali que estava batendo e saindo sons estranhos. Antônio diz que isso é coisa da cabeça dele e manda ele ir dormir, até que os dois escutam um barulho e José diz ironicamente "Viu, foi isso que escutei". Eles continuam investigando, saem de casa e ao sair veem uma sombra correndo, Antônio que é mais medroso fica com medo e faz a trindade no corpo. A cena acaba com eles indo dormir no mesmo quarto e conversando durante a noite até cair no sono.

Antônio: (Sussurrando) Zé... Zé, acorda.

(José, sonolento e exausto pela intensidade do dia, desperta vagarosamente.)

José: (Bocejando) Hmmm? O que é, Tônio?

Antônio: (Baixinho) Você escutou isso?

José: (Bocejando novamente) Escutei o quê?

Antônio: (Com um toque de frustração) Esses sons, as batidas e os sussurros. Você não tá ouvindo?

José: (Coçando os olhos) Ah, esses barulhos. Deve

ser só a casa fazendo barulho. Vai dormir, Tônio.

(Antônio insiste, convencendo José a se levantar e verificar a origem dos sons. José relutantemente concorda, ainda meio sonolento e contrariado.)

José: (Suspirando) Tá bom, tá bom. Vamos lá ver o que é.

(Eles começam a procurar pela fonte dos ruídos, e José finalmente identifica o local onde os sons estão mais concentrados.)

José: (Apontando) É aqui, Antônio. Os barulhos tavam vindo daqui.

Antônio: (Cético) Ah, Zé, para de viajar na maionese. Isso é coisa da sua cabeça.

(Justamente quando Antônio está prestes a insistir para que José vá dormir, eles ouvem um barulho repentino, confirmando os receios de José.)

José: (Ironicamente) Viu? Foi isso que eu escutei!
(Decididos a investigar, eles saem da casa e se deparam com uma sombra fugindo ao longe. Antônio, mais medroso, fica arrepiado e faz o sinal da cruz rapidamente.)

Antônio: (Assustado) Ai, meu pai! O que foi isso?
(A cena se encerra com Antônio e José decidindo

dormir no mesmo quarto, buscando conforto na companhia um do outro. Conforme a noite avança, eles conversam em sussurros, compartilhando histórias e risadas até finalmente caírem no sono, juntos e protegendo um ao outro.)

Um novo amanhecer fez-se presente, depois de todo aquele furdunço o clima ainda estava estranho, porém não tem muito jeito, eles teriam que trabalhar muito ainda, tanto no quesito de manter o sítio, como na construção da casa. Todos estão tomando café da manhã e o Vô Joaquim diz como vai funcionar enquanto estiverem por ali, no rancho do Seu Alfredo Leite; ele diz que de manhã eles trabalharão na construção da nova casa, logo depois do café da manhã e que depois disso, durante a tarde vão trabalhar nos negócios; Antônio continua com a comercialização das frutas do sítio que Joaquim colhe e José carregando a carroça com os outros mantimentos da roça. Ele termina de falar, para e olha para José e diz bem sério que não quer mais vê-lo com aquela moça filha da Dona Ermínia, porque eles já tem encrenca demais pra conta. Ao saírem, Tônio olha pra Zé e diz que ele se deu mal.

Cena: Café da manhã no rancho do Seu Alfredo Leite.

Vô Joaquim: (com voz grave) Bão dia, gente. Mais um dia amanheceu e parece que o tempo ainda tá meio de bico.

Antônio: (com um suspiro) Bão dia, Vô. O tempo tá meio emburrado mesmo.

José: (enquanto se serve) Bão dia, Vô. Parece que o tempo tá do mesmo jeito da gente.

Vô Joaquim: (acendendo o cigarro de palha) Pois é, José. Furdunço na noite passada e o dia já começa nublado.

Tônio: (com um sorriso maroto) Bão dia, Vô. Será que o sol resolve aparecer?

Vô Joaquim: (rindo) Num sei, Tônio. Mas hoje o dia promete serviço pra nós.

José: (com a boca cheia) Tá certo, Vô. Mas e os planos pra hoje, cê já tem em mente?

Vô Joaquim: (carrancudo) Tenho sim, José. Vamo trabalhá na casa nova de manhã, logo depois do café.

José: (com um sorriso maroto) Casa nova, Vô Joaquim? Cê já tá planejando um palácio?

Vô Joaquim: (riando) Ô, José, num é nenhum palácio não, mas uma casinha digna pra nós.

Tônio: (brincando) E o que vem depois, Vô? Alguma novidade na agenda?

Vô Joaquim: (com um olhar sério para José) Depois que terminarmos na construção, Antônio, você continua vendendo as frutas.

José: (mordendo um pedaço de pão) E eu, Vô? Qual é o meu bico nessa dança toda?

Vô Joaquim: (olhando fixamente para José) Escuta aqui, José. Eu num quero mais vendo ocê por perto daquela moça filha da Dona Ermínia.

José: (engolindo em seco) Mas, Vô...

Vô Joaquim: (interrompendo) Num tem mais, José. Nós já temos cangaço suficiente pra cuidar.

Tônio: (cutucando José) Parece que ocê vai ter que mudar os rumo, Zé. O caminho tá se estreitando.

José: (suspirando) Parece que o mundo tá virado, Tônio.

Fim da Cena

Cena: A família sai do rancho e começa o trabalho no sítio

Tônio: (sussurrando para José) Ei, Zé, parece que ocê se meteu numa baita encrenca.

José: (murmurando) Parece que sim, Tônio. A vida tá cobrando o preço.

Tônio: (ri) Num tem jeito, irmão. Cê se enroscou feito cipó de samambaia.

José: (resmungando) É, parece que me dei mal mesmo.

Fim da Cena

Cena: Trabalhando no sítio

Tônio: (pegando uma enxada) Vamo lá, Zé, hora de pôr a mão na massa.

José: (pegando uma ferramenta) É verdade, Tônio. O serviço nunca espera.

Tônio: (rindo) E o Vô Joaquim lá falando do futuro e cê se amarrando na Mariana.

José: (bufando) Deixa disso, Tônio. Cê sabe que as coisa num são assim tão simples.

Tônio: (levantando uma caixa) Ora, Zé, ocê sempre foi daqueles que se embrenha nas encrenca, num é?

José: (revirando os olhos) Ah, Tônio, cê sabe que num é bem assim.

Tônio: (cutucando José) Olha lá, cumpade, ocê tá gastando energia demais nisso.

José: (franzindo o cenho) E eu que achava que só

era você que gostava de dar palpite.

Tônio: (rindo) É, Zé, mas ocê num precisa levar a vida tão a sério assim.

José: (cruzando os braços) Sabe de uma coisa, Tônio? Ocê devia cuidar mais da sua vida e deixar as minhas encrenca de lado.

Tônio: (levantando as mãos em rendição) Tá certo, Zé, num vou mais me meter.

José: (bufando) Ainda bem.

Fim da Cena

Durante esta manhã nublada, donde estes homens trabalhadores acordaram quatro da matina; do outro lado de Patrimônio do Vaz, estava acabando de acordar, as sete horas e meia, a bela adormecida, Mariana. Logo cedo ao abrir os olhos ela se pega pensando no José e começa a se indagar se ele também está pensando nela; Melissa entra no quarto trazendo o café da manhã e nota que Mariana está avoada e brinca perguntando se ela está pensando no namorado ou na morte da bezerra. Ela diz que só estava com sono ainda, que a noite não foi o suficiente pra suprir todos os acontecimentos do dia anterior.

Cena: Paixão Nublada no interior

Mariana: (suspirando ao acordar) Ah, que dia nublado... Será que o Zé já tá acordado?

Melissa: (entrando no quarto com uma bandeja) Bom dia, bela adormecida! Vamo acordá que o dia já tá raiando.

Mariana: (sorrindo) Bom dia, Melissa. Parece que o sol ainda tá na cama também.

Melissa: (colocando a bandeja na cama) Cê já tá pensando no José, né? Aposto que ele já tá arregaçando as mangas lá no sítio.

Mariana: (corando) Ah, num começa, Melissa. Ele tem muita coisa pra fazer por lá.

Melissa: (ri) Sei, sei. Eu é que num acredito muito nesse negócio de "trabalhar muito".

Mariana: (pegando uma xícara de café) Ah, para, Melissa. Cada um tem sua responsabilidade, né?

Melissa: (sentando na cama) Tá, tá, eu entendo. Mas então, tá pensando no Zé ou na morte da bezerra?

Mariana: (rindo) Na verdade, só tava com sono mesmo. A noite passada foi agitada.

Melissa: (levantando uma sobancelha) Agitada, é? Cê e o Zé tão fazendo bagunça pelas escuras, é?

Mariana: (engasgando com o café) O quê? Não,

Melissa! Nada disso!

Melissa: (rindo) Calma, Mari, eu só tô brincando. Mas me conta, cê e o Zé tão se curtindo, né?

Mariana: (sorrindo) Acho que sim, Melissa. Ele é um homem bom, sabia?

Melissa: (dando um tapinha no ombro de Mariana) Isso aí, amiga. Se joga nesse romance caipira!

Mariana: (ri) Ah, para com isso. Vamo comer esse café que o dia já tá começando.

Fim da Cena

Mariana e Melissa estão conversando, enquanto Mariana toma café da manhã, quando de repente aparece a mãe de Mariana, Ermínia, conhecida como Mí; ela entra no quarto com um rodo e um pano limpando o chão, para e diz bem alto para Mariana se aprontar e ajudar a limpar a casa que ela já tá de pé desde às seis. Mariana diz pra ela se acalmar e parar de apressá-la, que logo ela já vai ajudar. Quando Melissa sai do quarto, levando a louça de Mariana, a mãe dela rapidamente se aproxima, olha no fundo dos olhos dela e diz pra ela ficar longe do Zé; Mariana indaga o motivo, Mí diz que ele é machista

igual o vó e Mariana diz que ela está agindo igual o pai que não deixava ela ficar perto do Zé; Ermínia diz que agora é diferente, ela descobriu que não precisam de macho pra viver e que a Melissa não é só uma louca por viver solteira.

Cena: Conversa matinal e bronca descomunal

Mariana: (saboreando o café) Ai, esse café tá bão demais, sô!

Melissa: (rindo) É verdade, Mari. Nós aqui, tomando um café caprichado enquanto o Zé tá lá no sítio capinando.

Mariana: (suspirando) Fico pensando nele, Melissa. Será que tá tudo bem?

Melissa: (colocando a louça na pia) Ah, relaxa, Mari. O Zé é trabalhador, tá sempre se virando. Mí (Ermínia): (entrando no quarto com um rodo e um pano) Ô de casa, vão ficá de papo furado o dia inteiro?

Mariana: (sorrindo) Bom dia, mãe! Já tô me preparando pra ajudar, uai. Mí: (limpando o chão) Isso não é hora de ficar matutando não, Mariana. Tá um serviço danado aqui!

Mariana: (tentando acalmar) Calma, mãe, já tô

indo ajudar. Não precisa ficar nesse furdunço todo.

Mí: (erguendo o rodo) Furdunço é o cê aí sentada, enquanto a gente trabalha!

Mariana: (levantando as mãos) Tá, mãe, vou levantá. Num precisa brigar.

Mí: (parando e olhando nos olhos de Mariana) E num vai ficá dandu trela pro Zé, entendeu?

Mariana: (franzindo a testa) Como assim, mãe?

Mí: (sussurrando) Esquece esse rapaz, Mariana. Ele é igualzinho ao vô dele e o teu pai, machista desgramado.

Mariana: (indignada) Mas mãe, o Zé não é assim não! Ele num é igual o vô não.

Mí: (cruzando os braços) Como que cê sabe? Ele pode tá te iludindo.

Mariana: (firme) Ele num é assim, mãe. E eu num vou deixá ocê interferir na minha vida. (bufando) Cê tá agindo feito o pai, que num deixava eu chegar perto dos rapaz.

Mí: (olhando séria) Agora é diferente, Mariana. Eu descobri que nós num precisa de macho pra viver. A Melissa num é doida por ser solteira.

Mariana: (revirando os olhos) Isso num tem nada a

ver, mãe. Cada pessoa é diferente.

Mí: (suspirando) Só tô falando isso porque cuido de cê, Mariana. Num quero vê cê sofrê.

Mariana: (tocando no ombro da mãe) Eu sei, mãe, mas eu sei me cuidá também. Agora vou ajudá ocê com a faxina.

Mí: (respirando) Mai prumete pra mim que vai ficar longe dele?

Mariana: Mas mãe... tá, prumeto (abraça a mãe)

Mí: (fazendo cafuné) Cê sabe que só quero teu bem né?

Mariana: (concordando) É claro mãe, agora vamo fazer essa faxina duma fez.

Fim da Cena

As horas vão esvaindo, a manhã vira tarde, a folga suor. Cada um vai pro seu canto, trabalhar do seu modo. José, todo faceiro enquanto levava a carroça pro sítio do seu Lorenzo, pois, inocente, achava que veria Mariana e quem sabe até ganharia um aumento, visto que tinha trabalhado arduamente nas últimas semanas. Mal sabia ele que quando chegasse, ele descobriria que foi substituído e tem coisa mais dolorida do que ser substituído? Ele ao ver

foi tirar satisfação com o rapaz, entendo o porquê dele estar ali; ele diz que é o novo negociante do Seu Lorenzo e falando no diabo, ele aparece bem na hora, olha com cara de deboche pro que ele trouxe, pega a carroça e começa a levá-la. Nessa hora o José diz que a carroça é dele e que não vai fechar o negócio sem antes receber seu pagamento. Ele ignora e nessa hora José parte pra cima, mas, inesperadamente, Antônio chega e diz pra ele deixar isto quieto. José pergunta porquê ele tá ali e não vendendo as frutas, ele diz que o vô mandou ele seguir José, pra garantir que ele não veria a Mariana. A cena termina com José resmungando e voltando o caminho; Antônio diz que ele pode vender frutas com ele.

Cena: Substituição Amarga

José: (caminhando com a carroça) Ah, num vejo a hora de chegar no sítio do seu Lorenzo. Vai que eu dou de cara com a Mariana, né?

Voz: (chegando por trás) Oi, José.

José: (virando-se surpreso) Ah, é você, Maurício. O que tá fazendo aqui?

Maurício: (sorrindo) Vim substituir você, meu chapa.

Agora eu que vou negociar as mercadorias do seu Lorenzo.

José: (franzindo a testa) O quê? Substituir eu?

Maurício: (debochando) É isso aí, tô assumindo o posto. E você? Já pode dar meia volta e ir embora.

José: (indignado) Espera aí, isso num é justo! Eu trabalhei duro essas últimas semanas!

Maurício: (pegando a carroça) Justiça é o que você vai ter que aprender a engolir, amigo.

Seu Lorenzo: (chegando e rindo) Olha só, temos um novo negociante. E que cara brabo, hem, José?

José: (cruzando os braços) Que é isso, Seu Lorenzo? Eu mereço um aumento!

Seu Lorenzo: (debochando) Aumento? Olha, você até que fazia um serviço razoável, mas o Maurício vai trazer um ar fresco aqui.

José: (irritado) Essa carroça é minha, eu num vou sair daqui até receber o que é de direito!

Maurício: (ignorando) Pode levar, Seu Lorenzo. Vou garantir que as mercadorias sejam vendidas por um bom preço.

José: (avançando) Ei, espera aí, a carroça é minha!

Antônio: (chegando e separando os dois) Epa, epa,

que tá acontecendo aqui?

José: (bufando) Ora, ora, se num é o Tônio. E você, devia tá vendendo as frutas, né?

Antônio: (calmamente) Calma aí, Zé. Relaxa, tá?

José: (resmungando) Relaxa nada, esse cidadão tá roubando o meu trampo!

Antônio: (olhando para Maurício) Ei, Maurício, se manda daqui. O Seu Lorenzo não disse nada sobre substituir o Zé.

Maurício: (saindo apressado) Tá bom, tá bom. Só tava fazendo o que o Seu Lorenzo pediu.

Seu Lorenzo: (coçando a cabeça) É, parece que houve um mal entendido aqui.

José: (sério) Um mal entendido? Isso não vai ficar assim.

Antônio: (tocando no ombro de José) Deixa isso quieto, Zé. Vem comigo, vamo vender as frutas juntos.

José: (bufando) Tá bom, Tônio. Mas esse Maurício ainda vai me pagar.

Fim da Cena

Na volta para casa, José muda o percurso e Antônio indaga para onde ele está indo; ele mente dizendo

que vai ir num pé de fruta que tem por ali e Antônio não caí nessa, perguntando se ele está indo ver a Mariana. Ele responde que é pra guardar segredo e Antônio diz que o vô vai matar ele se souber que ele permitiu esse encontro. José, ao chegar na frente da casa, diz que não vai ser um encontro e tira uma carta do bolso, colocando-a no correio. A cena termina com Tônio dizendo que ele não tem jeito mesmo.

Cena: Encontro por correio

José: (caminhando apressado) Vamo por aqui, Tônio.

Preciso resolver uma parada antes de irmos pra casa.

Antônio: (confuso) Mas a gente não tá indo pro sítio do vô?

José: (coçando a cabeça) Ah, num é bem isso. Sabe aquele pé de fruta ali? Preciso dar uma olhada.

Antônio: (desconfiado) Pé de fruta? A essa hora da tarde? Zé, tu num tá indo ver a Mariana, tá?

José: (suspirando) Ô Tônio, deixa disso, cê sabe como é. Não conta pro vô, tá bom?

[CONTINUA NA PARTE II]